



Histórias de
TRANSFORMAÇÃO

Fundação Telefônica

Telefônica

vivo



Histórias de **TRANSFORMAÇÃO**

Fundação Telefônica

Telefônica

vivo

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO BRASIL

Av. Luis Carlos Berrini, 1.376 – 30º andar – 30.151

CEP 04571-000 – São Paulo - SP

Fundação Telefônica Vivo

Françoise Trapenard - Presidente

Maria Gabriella Bighetti - Diretora de Programas e Ações Sociais

Coordenação editorial (Fundação Telefônica Vivo)

Anna Paula Pereira Nogueira

Renata Famelli

Edição: Lorena Vicini (Prova3 Agência de Conteúdo)

Projeto gráfico e diagramação:

Luiza Libardi (Prova3 Agência de Conteúdo)

Capa: Pedro Matallo

Textos introdutórios: Ana Cristina Suzina

Projeto Editorial, textos e entrevistas: Liliane Oraggio

Revisão: Dulce Maltez, Elidia Novaes e Grazielle da Veiga

Fotos: Márcia Cassiano

Conforme licença [Creative Commons](#), esta obra não pode ser comercializada sob hipótese alguma, porém autorizamos e concordamos com disponibilização de trechos ou parte(s) desta obra com finalidade de promovê-las junto ao público, desde que seja citada a fonte.



Para baixar, gratuitamente acesse:

<http://fundacaotelefonica.org.br>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

H58

Histórias de transformação. – São Paulo: Fundação Telefônica, 2013. 112 p.: il. color. ; 21 cm

ISBN 978-85-60195-32-9

1. Educadores – Formação. 2. Comunidade e escola. 3. Internet na educação – 4. Histórias de vida. 5. Fundação Telefônica – Projetos sociais.

CDD 370.8

Catálogo elaborado por Antonia Pereira CRB-8/4905

Prefácio

A Fundação Telefônica Vivo atua há 14 anos no Brasil, com suas iniciativas sendo realizadas em todas as regiões do país, em diversas frentes. Beneficiamos diretamente mais de 550 mil pessoas.

Acreditamos no poder inovador do uso social das tecnologias, potencializado pela articulação com diversos atores. Buscamos transformar realidades de forma sustentável e, por meio desta atuação, mudamos a vida das pessoas e aprendemos a cada dia.

São justamente as histórias de transformação que nos alimentam e nos inspiram para seguir avançando na busca por novas tecnologias sociais.

Percebemos que era hora de fazer com que essas histórias inspirassem e motivassem outras pessoas também. E, nesse contexto, nasceu a ideia da publicação *Histórias de Transformação*, reunindo relatos de pessoas que abraçaram oportunidades, venceram obstáculos e construíram um futuro novo para si mesmas e para suas comunidades.

Foram meses prazerosos de muito trabalho, inúmeras histórias lembradas, pesquisas, entrevistas, viagens, sorrisos, lágrimas e emoção. Selecionamos 32 casos representativos de um pouco do universo da atuação da Fundação ao longo destes anos. São pessoas que deram o primeiro passo e que tiveram a vontade de transformar a realidade.

O resultado deste trabalho você confere nas próximas páginas. Esperamos que essas histórias sejam tão inspiradoras para você quanto têm sido para a equipe da Fundação Telefônica Vivo.

Boa leitura!

Maria Gabriella Bighetti

Diretora de Programas e Ações Sociais da Fundação Telefônica Vivo

Manifesto

Somos movidos pela vontade genuína de descobrir novas respostas para os desafios cada vez maiores do mundo contemporâneo. Temos vontade de sobra para aprender com os erros e repetir os acertos, ensinar e aprender ao mesmo tempo, entregar mais do que prometer. Trabalhamos para transformar boas ideias em ações que melhorem o futuro de muitos, porque o elo entre a cabeça e as mãos tem que ser o coração.

Escolhemos experimentar em vários temas, porque a complexidade exige múltiplas respostas. É a dúvida que nos empurra para a frente, não a certeza. Fazemos juntos para fazer mais, porque cada elo é fundamental.

Queremos endereçar as questões que realmente importam de maneiras novas e diferentes, juntando o conhecimento de causa com a inovação. Encontrar novos caminhos é o nosso jeito de contribuir para a mudança social. Usamos nossos recursos e tecnologias de forma mais humana para transformar a vida das pessoas. Temos compromisso com o futuro das novas gerações de brasileiros e valorizamos a diversidade que uma atuação global nos proporciona.



Temos vontade de atuar, mobilizar, inspirar. Porque o mundo está cheio de boas ideias, mas o que não pode faltar é vontade.

Histórias de Transformação pelo Brasil



De onde são os 32 personagens que fizeram este livro



Sumário

Quem Somos	9
 Educação e Aprendizagem	14
Braz Nogueira	16
Mariliette Pedrocchi	18
Sônia Bertocchi	20
Edson Nascimento	22
Cleiton dos Santos	24
Jennifer Christine da Silva	26
Marjorie Nunes	28
Ana Carolina Carvalho	30
 Infância e Adolescência	9
Antonio Lima	36
Evellyn Ribeiro	38
Edson Terra Júnior	40
João Batista Perri	42
Maquilene Murta	44
Luiz César Madureira	46
Mayla Santoni	48
Glaziela Solfa	50

Sumário

 Inovação Social	9
Maickson Serrão	56
Thaís Cavalcante	58
Rafael Rodrigues	60
Ana Dantas	62
Luena dos Santos	64
Thiago Messias	66
Monica de Almeida	68
Adriano Souza de Jesus	70
 Voluntariado	9
Antônio Silva	76
Raquel Mello	78
Rivânio Santos	80
Paulo Henrique Gonçalves	82
Poliana Lauermann	84
Fernanda Bail	86
Gidelma dos Santos Moraes	88
Zilda da Silva	90

Pessoas e instituições juntas
podem *transformar* o futuro,
tornando-o mais generoso,
inclusivo e justo_

Quem Somos

A Fundação Telefônica nasceu da vontade de levar muito mais que comunicação às pessoas. Foi criada para melhorar a qualidade de vida de crianças e jovens por meio daquilo que o Grupo Telefônica tem de melhor: a tecnologia.

Desde sua implantação, em 1999, o desejo de contribuir para a inclusão e para o desenvolvimento foi traduzido em dezenas de projetos em que as tecnologias se convertem em parceiras da promoção dos direitos de crianças e adolescentes, da melhoria da qualidade da Educação e da formação de redes de solidariedade e de intervenção junto aos grupos sociais mais vulneráveis.

A fusão com a Vivo, em 2011, inaugurou um novo momento de inspiração e renovação. Ela deu capilaridade nacional a projetos que já vinham sendo empreendidos com sucesso e ampliou a diversidade das ações realizadas, valorizando ainda mais a aplicação das tecnologias à transformação social.

Nossas iniciativas integram, ainda, uma rede global, formada pelas Fundações Telefônica implantadas em 16 dos países onde a empresa atua.

Todo esse trabalho está fundamentado no aprimoramento de ferramentas e metodologias criadas, aplicadas e avaliadas de forma colaborativa e contínua, para fazer com que as experiências transformadoras do presente sejam capazes de produzir respostas para os desafios atuais e futuros.

Para a Fundação Telefônica Vivo, o desenvolvimento de pessoas e instituições e o trabalho colaborativo são os fundamentos da transformação social.

Por isso, apostamos nos atributos das tecnologias, valorizamos a diversidade e a complementaridade de competências e o potencial do conhecimento compartilhado. Buscamos ler os cenários e, a partir deles, antecipar tendências emergentes que podem ter maior impacto nos temas em que atuamos, aplicando-as aos nossos programas e iniciativas.

Para nós, esse é o caminho para construir o futuro!

O Que Fazemos

Usamos tecnologias de forma inovadora para potencializar a aprendizagem e o conhecimento, contribuindo com o desenvolvimento pessoal e social.

Trabalhar com tecnologias e com crianças e jovens nos motiva a uma evolução constante, que se fundamenta na apropriação da realidade, no pensamento crítico e no diálogo. É preciso manter a mente aberta para acompanhar os desafios e acolher contribuições que apontem novas ideias, novos modos de fazer e novas soluções.

Em nossa história, valorizamos a transparência, a responsabilidade e a partilha no desenvolvimento de cada iniciativa.

Áreas de Atuação

Crianças e jovens são o foco do trabalho da Fundação Telefônica Vivo. Queremos que o acesso às tecnologias os ajude a se preparar melhor para enfrentar os desafios do presente e participar da construção de um futuro em que todos estejam incluídos e sejam capazes de exercer sua cidadania.

Esses objetivos nos levaram a escolher algumas áreas de atuação, atualizadas no decorrer dos anos, de acordo com uma reflexão contínua sobre o resultado das experiências realizadas e em diálogo aberto com o público das ações, atores governamentais e não governamentais, gestores de projetos, outras empresas e fundações, especialistas e com todos os parceiros.

Atualmente, as áreas de atuação da Fundação Telefônica Vivo são quatro: Educação e Aprendizagem, Infância e Adolescência, Inovação Social e Voluntariado. Cada uma delas está estruturada em diversos projetos de amplitude local, regional, nacional e internacional.

Educação e Aprendizagem



O desenvolvimento de um país está diretamente relacionado a sua capacidade de formar cidadãos. Entendemos que podemos contribuir a partir de soluções que utilizam as tecnologias e a mobilização de pessoas e instituições. Esta área promove a inovação na Educação por meio da aplicação das tecnologias, tomando-as como recurso pedagógico e de inclusão digital.

Desafios

O Brasil ocupou, em 2009, o 53º lugar entre os 65 países participantes do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). O desempenho brasileiro melhorou na última década, mas o país ainda fica atrás da média internacional geral e de países vizinhos como Chile, Uruguai e México. Além disso, segundo o PISA, o Brasil tem a maior taxa de abandono escolar do Mercosul e, entre os estudantes avaliados, o índice de repetência é muito alto.

Particularmente, o uso das tecnologias vem sendo apontado como um desafio e uma grande promessa para melhorar a qualidade da Educação no país. Tanto o estudo Mapa da Inclusão Digital quanto o Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2020 as identificam como recursos capazes de interferir de maneira positiva na permanência na escola e na qualidade da alfabetização.





Nossos projetos atuais

Nesta área, nossa atuação está organizada em duas frentes:

1. desenvolvimento de novas metodologias de aprendizagem com tecnologias para atingir melhores resultados, como o uso de games, do telefone celular, da conexão, entre outros.
2. desenvolvimento de novos modelos educacionais a fim de explorar tendências e entender como será a escola no futuro.

Em ambas as frentes, valorizamos o registro e a partilha de experiências e resultados para facilitar a apropriação dos recursos e das soluções encontradas.

Alguns exemplos de projetos desenvolvidos atualmente são:

Escolas Rurais Conectadas

Práticas inovadoras com TIC e formação docente para promover novos modelos educacionais no contexto rural em sete estados brasileiros.

Escolas que Inovam

Apoio a práticas pedagógicas com uso de novas tecnologias em escolas formais, que adotam modelos inovadores com foco na individualização da aprendizagem.

Gente

Novo conceito de escola, construído com vários parceiros, apropriando-se integralmente de novas tecnologias.

Apoio ao desenvolvimento de conteúdos digitais educativos de qualidade como no **Plinks**, **Khan Academy** e **Geekie**, que são oferecidos à população de forma aberta e gratuita.

Nossos resultados mais recentes

Atualmente, estamos presentes em **508 escolas**, capacitando cerca de **2.800 professores** para o uso de tecnologias da informação e da comunicação aplicadas ao ensino, beneficiando indiretamente mais de **43 mil alunos** em dez estados do Brasil.



Braz Nogueira

Educador, 61 anos, São Paulo (SP). *Transformou* a [Escola Municipal de Ensino Fundamental Campos Salles](#), localizada na maior favela da capital paulista, em um polo educacional inovador e integrado à comunidade.

Com quantos momentos de superação se constrói um educador? Infinitos, é a resposta no caso de Braz Nogueira, há quase 40 anos dedicado ao ensino. Nascido na área rural de Auriflamma, interior de São Paulo, desde criança Braz vence desafios. Da rotina no campo, fazia parte trabalhar na roça e percorrer a pé 12 quilômetros de sua casa até a escola. Para o menino pobre, a chance de continuar estudando era entrar no serviço militar – especificamente, a Aeronáutica – ou no Seminário. Braz Nogueira passou pelos dois, mas não virou nem aviador nem padre: formou-se em Filosofia e Estudos Sociais e, depois, em Pedagogia.

Em 1995, chegou a Heliópolis, na época, a maior favela da América Latina, tomada pelo tráfico e pela violência. “Escolhi a EMEF Presidente Campos Salles, porque 40% das famílias são chefiadas pelas mães, muitos dos filhos crescem sozinhos e eu sabia o que era isso. A minha origem era a mesma daqueles meninos, finalmente eu estava entre os meus e podia interferir nessa realidade”, conta.

O começo não foi fácil, a violência estava sempre à espreita. As brigas entre alunos eram frequentes e foi justamente um assassinato que selou o pacto entre a escola e a comunidade: “Em 1999, a aluna Leonarda foi morta com cinco tiros na saída da aula. Eu perdi o chão. Busquei o apoio do João Miranda, líder comunitário em Heliópolis, e, como leões, mostramos que não aceitávamos a banalização da vida. Juntos organizamos a [Cami-](#)

[nhada pela Paz](#), percorrendo cada beco da favela. Daí em diante, escola e comunidade se fundiram e ficou claro que a escola não era território dominado pelo tráfico”, lembra. Em 2002, os 21 computadores do laboratório de informática foram roubados e, novamente, Braz interveio: “Fui até o bar e pedi: ‘Avise os ladrões que eles estão roubando seus próprios filhos’”. Em algumas horas, os equipamentos foram devolvidos. Novamente, a escola se reafirmava como um eixo transformador.

Mas foi em 2007, inspirado na [Escola da Ponte](#), em Portugal, que Braz convocou uma assembleia da comunidade e, com mais de 400 votos a favor, decidiram demolir as paredes de 12 salas de aula, dando lugar a quatro salões para cerca de cem alunos cada, e três professores cuidando de cada turma. Os alunos passaram a se sentar em mesas coletivas, e só acionam o professor quando não conseguem resolver as questões entre si. “Assim, o aluno torna-se sujeito da aprendizagem e o conhecimento não é fragmentado. Além disso, o diálogo abre a mente, a conversa pacífica”, aposta o diretor.

Não demorou para que os muros que cercam a escola também viessem abaixo. Hoje, pode-se afirmar que ela é um modelo de inovação para práticas de gestão e de Educação baseadas em princípios democráticos.

“Isso foi e continua sendo possível pelo esforço coletivo. Sozinho não teria feito nada”, ressalta Braz, que, desde 2011, conta com a Fundação Telefônica Vivo e o [Instituto Natura](#) como parceiros no projeto **Escolas que Inovam**, que está introduzindo a cultura digital na EMEF Campos Salles. “A tecnologia dá a chance de a escola e do que é produzido aqui serem projetados para o mundo. Quando esta etapa estiver concluída e eu puder ter professores em tempo integral, dignamente remunerados, minha missão estará cumprida. Mas quero viver até os 100 anos e continuar passando meus dias aqui. Venho porque quero. E você?”, brinca o diretor. Do alto de sua maturidade, ele ensina: “Tudo, absolutamente tudo, passa pela Educação”.



[Escolas que Inovam](#)

Projeto realizado pela Fundação Telefônica Vivo em parceria com o Instituto Natura, apoia práticas pedagógicas com uso de novas tecnologias. A EMEF Campos Salles, dirigida pelo professor Braz, tornou-se um modelo de inovação para práticas de gestão e de educação baseadas em princípios democráticos. Desde 2012 o projeto incentiva a introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de aprendizagem.



Mariliette Pedrocchi

Educadora, 45 anos, Bebedouro (SP). *Transformou* as dificuldades da infância – , com a matemática e com a aplicação da tecnologia na educação – em desafios vencidos com persistência e alegria.

Desde muito cedo, a educadora Mariliette Noronha Timm Pedrocchi enfrenta os obstáculos com tenacidade e entusiasmo. De origem humilde, passou a infância morando em várias cidades do interior paulista junto com a mãe e os seis irmãos. “Os grandes cuidavam dos pequenos para que minha mãe pudesse trabalhar e sustentar a casa”, lembra. A situação melhorou quando a família fincou raízes em Bebedouro, onde a educadora vive até hoje com o marido e duas filhas adultas. “Fiz o Ensino Médio, que naquela época oferecia a especialização no Magistério, e parei de estudar. Casei aos 19 anos e só retomei os estudos quando as meninas já estavam crescidas. Escolhi fazer a faculdade de Matemática, justamente por ser a disciplina mais difícil para mim, e porque alunos de todas as idades também têm pavor dos números. Isso me intrigava: deve haver um jeito de tornar esse aprendizado mais bonito e mais suave”, poetiza ela.

Junto com a faculdade, veio o interesse pela internet, pela comunicação via e-mail e pela construção de blogs. Com essa base, em 2007 Mariliette se aventurou a fazer um curso a distância, sobre leitura e escrita com uso da tecnologia, oferecido pelo Ministério da Educação. Buscar conhecimento desta forma foi outra atitude inovadora para a época e apenas o começo de sua jornada de transformação. “No ano seguinte, o projeto **Aula Fundação Telefônica (AFT)** foi iniciado na rede pública de Bebedouro. Mergulhei de cabeça na

capacitação oferecida pela Fundação Telefônica da Espanha por meio do portal [EducaRede](#), site com farto material para a formação continuada de educadores. Não me intimidei e fiz todos os módulos em espanhol. Também estimei os outros professores. Muitos se encantaram e trocávamos informações numa grande rede”, recorda.

Em 2009, chegaram computadores móveis do projeto AFT na Escola Municipal de Ensino Básico Dr. Paulo Rezende Torres de Albuquerque, onde ela lecionava. “Os equipamentos eram portáteis, com jogos interativos, e os alunos podiam aprender brincando, no pátio, embaixo das árvores. Era muito gostoso estar na escola. Fizemos um blog para veicular essas experiências, muitas delas multidisciplinares, nas quais professores de várias áreas do conhecimento se uniam para desenvolver um tema com os alunos, motivando a todos”, conta Mariliette. Essa escola é de período integral e atende crianças muito pobres, que faltavam para ficar na rua ou acompanhar os pais no corte da cana, na colheita da laranja. “Com a nova configuração, nossos alunos começaram a frequentar mais as aulas e a ter um vínculo mais forte com a escola”, explica a educadora.

Toda essa intensa dinâmica deu segurança para Mariliette participar da formação dos professores no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Ela atuou como Dinamizadora, isto é, fazia as oficinas de capacitação com o grupo de gestores do AFT, para depois compartilhar o conhecimento com os professores de sua escola. Destacou-se nessa função e foi escolhida para ser Formadora Local, centralizando as dúvidas de todos os professores da rede AFT de sua região. Resultado: Mariliette se tornou referência regional nos assuntos de tecnologia para aprendizagem.

Atualmente, ela é coordenadora de Tecnologia e Informática do Departamento de Educação de Bebedouro, que reúne 12 escolas e centenas de docentes. Incansável, finaliza: “Com o AFT, ampliei o alcance do meu trabalho e ganhei mais confiança em mim mesma. Foram muitas realizações em apenas cinco anos, tudo muito rápido e muito estimulante. Agora, sigo multiplicando essas conquistas”.



[Aula Fundação Telefônica \(AFT\)](#)

O projeto Aula Fundação Telefônica (AFT) foi uma iniciativa global da Fundação Telefônica, realizada em 13 países. No Brasil, o projeto aconteceu entre 2008 e 2013. Buscou contribuir para a melhoria na qualidade da Educação por meio do incentivo ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), com a distribuição de equipamentos e formação para professores.



Sônia Bertocchi

Educadora, 62 anos, São Paulo (SP). *Transformou* sua vida profissional quando se apaixonou pela tecnologia, na década de 1990, e começou a usar esse conhecimento na sala de aula. Pioneira, surpreende por sua sintonia fina com o futuro.

O dia das mães de 1996 foi um marco na vida pessoal e profissional da educadora Sônia Bertocchi. Enquanto as outras professoras ganharam blusas e flores, os três filhos de Sônia a presentearam com um modem. “Com esse aparelho, da sala de nossa casa, era possível acessar a internet discada no computador grandão, que exibia letras verdes na tela preta. Era fantástico! Na primeira noite não dormi. Fiquei navegando maravilhada com tudo o que eu podia descobrir dali pra frente”, lembra Sônia.

Na época, já com 20 anos de Magistério, lecionava Língua Portuguesa em escolas públicas e particulares do ABC paulista, região metropolitana de São Paulo. Mesmo com a rotina puxada, viajava pelo universo digital diariamente e logo surgiu o desejo de ter o próprio site. “Eu não tinha condições de pagar por isso. Então, pedi ajuda ao namorado ‘nerd’ da minha filha adolescente. Ele construiu o site e me deu um livro enorme que ensinava como programar em HTML. Assim, fui dominando todos os códigos, o que me deu — e continua dando — autonomia para lidar com qualquer programa”, diz ela. O site, pioneiro por unir a tecnologia à aprendizagem, recebeu o nome “Hipertexto: Educação On-line”, e ficou no ar por sete anos.

Sônia conta que, na época, a sala de informática da escola era usada apenas para ensinar processamento de

dados. “Depois de muitas conversas com a direção, consegui dar minhas aulas de Português lá... E havia muita resistência, como existe até hoje. Um ou dois colegas se encantavam com a informática – assim como eu –, e íamos juntos, inclusive aprendendo com os alunos. Éramos os professores que falavam a língua dos jovens e isso deu força para transformar a dinâmica das aulas”, afirma.

Em 2001, a filha Daniela, já formada em Jornalismo, trabalhava na criação do **EducaRede**, portal realizado pela Fundação Telefônica Vivo que, naquele momento, buscava educadores capazes de produzir conteúdo para o site. Sônia passou por uma avaliação e começou a escrever posts para as várias seções do site. Em seguida, ainda nos primórdios da interatividade, ela foi convidada a mediar os fóruns on-line, sobre temas da Educação. “Com 50 anos, quase pronta para ficar de pijama em casa, comecei a mediar essas discussões, que fizeram sucesso justamente por eu ser professora”, recorda. Em 2006, Sônia passou a editar o conteúdo do EducaRede e a estruturar as Comunidades Virtuais. No ano de 2007, ela ganhou uma concorrida bolsa de estudos da Fundação Telefônica Vivo e foi para a Espanha, aprofundar a pesquisa sobre Gestão e Produção de Ambientes Virtuais na Aprendizagem. Estudou espanhol para defender sua tese e voltou para lá por muitos anos para participar dos Encontros Internacionais de Educação.

Por causa dessa trajetória tão inusitada quanto consistente, Sônia Bertocchi é colaboradora assídua da Fundação Telefônica Vivo em vários projetos. Também presta consultoria em comunicação digital para escolas e empresas de todo o Brasil. Aos 62 anos, ela [vive conectada](#) e conectando pessoas: tem 5 mil seguidores no [Twitter](#) e mais de 2,5 mil amigos no Facebook. Com vários compromissos agendados para os próximos três anos, Sônia não conhece monotonia e está sempre pronta para o próximo desafio. Casada há 43 anos, rodeada pelos filhos e netos, sonha em ter uma casa totalmente tecnológica e confessa que, de vez em quando, se pergunta: “O que vai acontecer quando eu ficar velha?”.



EducaRede

Portal gratuito e aberto, dirigido a educadores e alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio da rede pública e outras instituições. No ar entre 2002 e 2011, reuniu conteúdos exclusivos, preparados por especialistas em diversas áreas, além de projetos e ferramentas interativas. No Brasil, teve a coordenação geral da Fundação Telefônica Vivo em parceria com o [CENPEC](#) (responsável pela coordenação executiva e gestão pedagógica) e a [Fundação Vanzolini](#) da POLI/USP (na coordenação tecnológica). Alguns dos conteúdos do Portal estão reunidos na publicação [Educação no Século XXI: Novos Modos de Aprender e Ensinar](#), que pode ser baixada gratuitamente no site:

fundacaotelefonica.org.br/conteudos/publicacoes



Edson Nascimento

Educador, 41 anos, Hortolândia (SP). *Transformou* sua rotina de educador em uma experiência pioneira na utilização da tecnologia na aprendizagem. Sem medo de sair da zona de conforto, abriu novas perspectivas para sua vida e sua profissão.

Formado em Educação Física, Edson Nascimento – o Edinho – foi atleta e começou a trabalhar cedo lecionando em escolas particulares da zona sul de São Paulo. Recém-casado com Tathyana, também educadora, resolveu sair do agito da metrópole para começar vida nova em uma cidade do interior paulista. O plano era dar aulas em escolas públicas de bairros carentes, formar família e seguir uma rotina tranquila. Mas a mudança de cidade, que tinha tudo para limitar a carreira, acabou abrindo novos horizontes.

“Dois anos depois, a Escola Estadual Paulina Rosa, no bairro de Santa Rita de Cássia, foi uma das primeiras a integrar o **Aula Fundação Telefônica (AFT)**, um projeto iniciado em 2008, que buscava estimular o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em sala de aula. Fui chamado inicialmente para o processo de capacitação com equipes de educadores especialistas, contratados pela Fundação Telefônica Vivo. Depois, chegaram os computadores móveis, que permitiam, por exemplo, mostrar o funcionamento do corpo humano com apoio de vídeos e fotos da internet durante as atividades físicas na quadra. Todo o conhecimento compartilhado e a estrutura fornecida mudaram meu modo de ensinar”, conta Edinho, que não se restringiu apenas a modernizar as suas aulas. Por conta própria, ele testava as várias possibilidades de

uso das TIC para tornar interessante o aprendizado de outras áreas do conhecimento. Entusiasmado, contava sobre suas descobertas a outros educadores e, juntos, se tornaram pesquisadores de soluções que iam desde o controle do que os alunos viam nas telas do computador até a produção de conteúdo pedagógico interativo, compartilhado com uma rede que envolvia escolas de 13 países. Edinho se tornou Dinamizador, sendo responsável por fazer a ponte dos docentes da escola com os educadores gestores do AFT. Depois passou a ser Formador Local, centralizando o atendimento a todos os professores participantes do projeto em sua região. “Atuei em todas as frentes”, conta o professor, que vive cada experiência como se fosse uma grande aventura e inspira a todos.

“Sempre desafiei os alunos a buscarem respostas melhores do que as minhas e a compartilhem suas descobertas. Com o uso das TIC, essa prática ficou mais forte. Trabalhando em rede, de fato, o conhecimento não fica centralizado no professor, que passa a ser um mediador da informação”, diz Edinho, apontando as mudanças de comportamento como conquistas preciosas desta forma de trabalhar. “Um dia chegou um novo aluno, mais velho do que os colegas de classe, repetente, fumante, mas que tinha facilidade com a tecnologia. Numa das aulas do AFT, coloquei esse garoto para fazer trabalho com o melhor aluno da sala, mas que não dominava o computador. Daí em diante, formou-se uma dupla de amigos com boas notas e logo o novato foi incluído no grupo. Foram muitos os episódios de integração e isso me emociona”, conta.

Com vasta experiência na formação de redes tecnológicas e humanas, Edinho foi convidado a trabalhar na articulação intersetorial do Programa de Promoção de Saúde do Município. Agora, continua motivando e treinando educadores físicos para a utilização da tecnologia, visando, neste caso, melhorar a qualidade de vida dos 200 mil habitantes de Hortolândia. “Deixei o Paulina Rosa, literalmente, chorando. Com certeza, eu não teria vivido toda essa expansão se não fosse o processo do AFT. Valeu a pena sair da zona de conforto para trabalhar com a tecnologia, conectando muitas equipes. A Educação atual não pode mais viver sem isso”, acredita Edinho.



[Aula Fundação Telefônica \(AFT\)](#)

O AFT nasceu em 2008, como uma estratégia global da Fundação Telefônica para promover a melhoria da qualidade de Educação com uso de tecnologia. Um dos papéis em destaque neste projeto foi o do Dinamizador. Ele inspirava seus pares na busca da inovação no trabalho pedagógico, integrando a tecnologia ao processo de aprendizagem. Além de atuar em sala de aula, o Dinamizador refletia sobre sua prática e trocava experiências com outros educadores de diversos países nos ambientes virtuais do projeto.



Cleiton dos Santos

Aluno-Monitor, 17 anos, São Paulo (SP). *Transformou* a tarefa de ajudar a professora na sala de informática em uma oportunidade de aprender a produzir e editar notícias. Tornou-se orientador dos alunos mais novos e quer estudar Comunicação.

Foi na brincadeira que Cleiton descobriu como fazer coisas sérias, a agir como cidadão. Estudante da Escola de Ensino Fundamental Leonor Mendes de Barros, na zona leste da capital paulista, Cleiton teve a chance de participar do projeto Minha Terra. Trata-se de um espaço virtual dentro do EducaRede, portal da Fundação Telefônica Vivo concebido para desenvolver habilidades dos jovens no universo digital e estimular o contato com temas importantes e de seu interesse. “A professora do laboratório de informática chamou quatro alunos para montar uma redação amadora e eu era o assistente de produção”, conta. “Todos os meses tínhamos que realizar uma reportagem diferente, escrevendo nossos próprios textos e discutindo nossos pontos de vista. Fazíamos tudo em equipe, cumprindo prazos. Depois o material era publicado no blog da escola e visto por gente de fora. Era muita responsabilidade e a melhor parte era ter nosso trabalho sendo visto e reconhecido”, diz o garoto que, por causa dessa prática, passou a gostar de ler e discutir notícias. Ele se apaixonou pelas ferramentas de edição de vídeos, fotos e áudio. O projeto foi ganhando corpo e a equipe começou a ser chamada para cobrir os eventos da escola e publicar o material na internet. Inspirou, ainda, a criação de uma rádio escolar, que até hoje vai ao ar duas vezes por semana, veiculando o noticiário produzido pelos próprios alunos.

A experiência mais marcante foi fazer uma reportagem sobre segurança na internet, explicando como

reconhecer, evitar e denunciar crimes virtuais. “Para esclarecer isso de verdade, precisávamos falar com um delegado do Departamento de Investigações sobre o Crime Organizado (DEIC), da Polícia Civil. Pedimos a entrevista sem esperar que realmente fossem nos atender. Mas a resposta foi positiva e nossa equipe foi recebida na mesma sala de imprensa onde estavam jornalistas de uma grande emissora. Nunca imaginei estar em um lugar desses para falar com uma autoridade! Deu um frio na barriga, mas fomos em frente. O delegado respondeu todas as nossas perguntas sobre as várias formas de bullying virtual e ensinou formas de usar a internet com segurança. Saímos de lá realizados”, recorda Cleiton. Além de o vídeo ter feito sucesso entre os pais, era tão bem feito e criativo que recebeu o Prêmio Paulo Freire da Secretaria Municipal de Educação, em 2011.

Essa é uma das formas de estimular o contato com a prática da cidadania e de desenvolver o protagonismo juvenil. “Esses alunos amadureceram muito. São capazes de trabalhar em equipe, de tomar decisões rapidamente, de ter e de realizar suas próprias ideias”, observa Vânia Sandeville, Professora Orientadora de Informática Educativa (POIE) e coordenadora do projeto **Minha Terra** nesse estabelecimento de ensino.

Quando terminou o Ensino Fundamental, Cleiton mudou de escola, mas sentia saudades do trabalho que permitiu a criação de um vínculo muito forte entre colegas e professores. Quando surgiu a oportunidade, candidatou-se a Aluno-Monitor, que tem a função de auxiliar o professor e os alunos mais novos nas atividades do laboratório de informática, e foi contratado pela prefeitura. “É meu primeiro emprego. Estudo de manhã e à tarde volto para o colégio Leonor, para auxiliar os alunos do Ensino Fundamental. Curto demais e descobri que quero mesmo trabalhar com Comunicação. Pretendo estudar na Universidade de São Paulo, mas tenho dúvida se será Jornalismo ou Publicidade”, diz Cleiton, com muitos planos para seu futuro.



Minha Terra

Basicamente, três pilares estruturaram a proposta do projeto: o protagonismo juvenil, a valorização da cultural local e o letramento digital. Assim, os participantes foram capacitados para o trabalho com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), desenvolvendo competências e habilidades fundamentais para atuar no mundo contemporâneo. Iniciativa da Fundação Telefônica Vivo com a coordenação pedagógica do [CENPEC](#) (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), e desenvolvimento tecnológico da Fundação Vanzolini.



Jennifer Christine da Silva

Aluna-Monitora, 18 anos, Hortolândia (SP).

Transformou o conhecimento adquirido em ferramentas para ingressar na carreira religiosa e ensinar crianças a usar tecnologia em sala de aula.

Quando estava cursando a 8ª série do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Professora Paulina Rosa, em Hortolândia, Jennifer se destacou por sua atuação no [Aula Fundação Telefônica \(AFT\)](#), projeto de uso de tecnologia em sala de aula. Simpática e paciente, usava sua facilidade com o computador para ajudar os colegas de classe e os professores a ultrapassar as dificuldades na hora de usar as ferramentas digitais na aprendizagem. Esse talento com equipamentos e pessoas foi se aprimorando no dia a dia. Com muita satisfação, ela pesquisava como usar os jogos pedagógicos interativos e compartilhava as descobertas com os outros alunos. “Eu era uma das poucas que tinha computador em casa, desde os 10 anos. Era do meu pai, mas sempre pedia para mexer e fui gostando cada vez mais”, lembra. “Era muito estimulante e divertido, e ter esse recurso também na escola foi uma oportunidade de crescimento para mim. Deixou ainda mais forte minha vontade de aprender e de estar sempre atualizada, buscando me desenvolver profissionalmente”, conta Jennifer.

Em 2010, o Governo do Estado de São Paulo abriu um processo seletivo para contratação de **Alunos--Monitores** para os laboratórios de informática, e Jennifer foi aprovada. Com 16 anos, entrou no mercado de trabalho, ganhando relativamente bem e fazendo o que gostava. “No AFT, eu lidava com os computadores móveis, lousas interativas e outros recursos, isso me deu base para me candidatar e dar mais esse passo”, diz

ela, entusiasmada.

E conhecer as ferramentas do universo digital ainda no Ensino Fundamental trouxe outro ganho inesperado. “O que eu não imaginava é que isso me ajudaria também a realizar outro sonho: seguir o caminho religioso”, conta. Enquanto outros adolescentes usavam a internet e as redes sociais para paquerar e descobrir baladas, Jennifer, pensando em seu futuro, iniciava outro tipo de relacionamento virtual. Pelas redes sociais, descobriu uma ordem dominicana no interior de São Paulo. Viu fotos no perfil da congregação e fez amizades com integrantes pelo chat. “Cada vez eu ficava com mais vontade de conhecer aquele lugar. Mas será que tudo aquilo que me maravilhava existia mesmo?”, perguntava-se. Os pais ficaram ressabiados, mas ela seguiu em frente. “Como eu trabalhava na escola, tinha um dinheiro guardado. Então comprei minha passagem e fui sozinha para Miguelópolis, cidade a 350 quilômetros de Hortolândia, onde fica um dos conventos”, lembra Jennifer, sem se decepcionar por ter empreendido a viagem para tão longe de casa.

Desde fevereiro, ela vive em Itapetininga, também no interior paulista, na Congregação das Irmãs Dominicanas de São José. “A experiência com crianças e computadores me vale muito aqui, onde também tenho que ganhar meu sustento. Trabalho numa creche e em um colégio particular, ensinando informática e utilizando jogos pedagógicos virtuais”, conta. Jennifer também usa a tecnologia para ensinar uma aluna portadora de deficiência: “No computador, ela está desenvolvendo a coordenação motora e a agilidade. Fico contente por poder ajudar também nesse aspecto da inclusão”, comenta a jovem.

Além disso, ela colabora no site e no blog do convento e gosta de trocar informações via Skype com as religiosas da mesma ordem residentes em outros estados e no exterior. Jennifer finaliza: “Estou muito feliz com todas essas mudanças, cada vez mais conectada com o que gosto e com a minha vocação”. E o futuro a Deus pertence...



Alunos-Monitores

O Aula Fundação Telefônica, projeto de uso de tecnologia em sala de aula, envolveu diversos atores como professores, gestores e também os alunos. A iniciativa tornou os processos de aprendizagem mais dinâmicos, desenvolvendo habilidades que contribuíram na evolução dos alunos, que, por sua vez, eram contratados como estagiários, e tinham na escola o seu primeiro emprego. Mais informações podem ser encontradas na publicação [Cadernos Aula Fundação Telefônica](#).



Marjorie Nunes

Educadora, 28 anos, Porto Alegre (RS). *Transformou* a oportunidade de participar de um projeto de revalorização cultural por meio da tecnologia em uma experiência única, que definiu seus rumos profissionais.

Marjorie Klich Nunes cresceu em uma família simples, de orientação luterana, como tantas outras crianças descendentes de alemães que vivem no Rio Grande do Sul. Inquieta, sempre imaginou viajar e conhecer o mundo, mas o sonho parecia muito distante de sua realidade. Em 2005, entrou na faculdade de Pedagogia; queria ensinar, mas quando pensava em passar os próximos anos em sala de aula, ficava em dúvida se esse era mesmo seu rumo profissional.

No meio do curso, começou a trabalhar na Secretaria Estadual de Educação. “Lá, conheci o projeto **Minha Terra**, me interessei por ele, e logo fui escolhida para divulgá-lo junto aos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs) das 30 coordenadorias de Educação do Estado. Foi um grande trabalho em equipe, feito juntamente com os multiplicadores dos NTEs das escolas. Eu não tinha ideia do quanto isso ampliaria minha rede de atuação”, conta a jovem, que logo começou a visitar escolas em todo o território gaúcho. “Eu ia pessoalmente orientar os professores a usarem os recursos interativos para produzir aulas multidisciplinares que mostrassem a nossa cultura para outros estados. Esse material era publicado na Comunidade Virtual Minha Terra, dentro do portal EducaRede. Estudantes do Amapá ficaram sabendo como vivem outros da mesma idade, aqui no Sul. Foi muito emocionante ver esse intercâmbio cultural acontecer, mesmo a distância”, vibra Marjorie.

Assim, a pequena cidade de Victor Graeff, a 263 quilômetros da capital e com pouco mais de 3 mil habitantes, ganhou destaque no mapa da Educação e no coração de Marjorie para sempre. “Fizeram um documentário sobre o Minha Terra, e a Escola Estadual de Educação Básica Dr. José Maria de Castro, de Victor Graeff, foi uma das cinco escolhidas para representar a região Sul do país. Lá os alunos participaram de várias atividades interdisciplinares com recursos interativos, mostrando como a língua, as danças, a culinária e os costumes trazidos pelos imigrantes alemães no século XIX continuam vivos”, diz Marjorie. O projeto transcorreu entre 2007 e 2009, envolvendo 40 escolas, 200 professores e mais de mil alunos gaúchos. No final do primeiro ano, foi lançado um livro (com versão digital e impressa) e, depois, veio o documentário em DVD, contando toda a trajetória do projeto pelo Brasil.

Acompanhando o vaivém da filha pelo estado, Dona Vera Rosane teve uma intuição: “Marjorie, você devia tirar seu passaporte!”. Mesmo sem viagem prevista, ela seguiu o conselho da mãe e providenciou o documento, que não demorou a sair da gaveta. “Algumas semanas depois, chegou um convite da Fundação Telefônica Vivo para participar do IX Encontro Internacional Virtual Educa, na Espanha. Eu pulava de tanta alegria! Arrumei as malas, peguei um avião pela primeira vez e aprendi muito mais sobre a eficácia da educação a distância. Voltei sabendo como seguir a minha carreira”, relata a jovem, que deixou a secretaria em 2010.

Marjorie se especializou em Design Instrucional para a Educação a Distância e formou-se mestre em Educação e Tecnologia. Atualmente, trabalha em uma empresa coordenando a produção de softwares pedagógicos fornecidos para escolas públicas das redes municipal e estadual. “Já perdi a conta de quantas viagens fiz nesses últimos anos, a trabalho e também a passeio, com meu marido. A curiosidade pelo mundo só aumenta! O próximo passo – em terra – é me tornar professora universitária, para ensinar a outros professores que a Educação a Distância funciona e tem qualidade”, conclui Marjorie, realizada.



Minha Terra

Iniciativa da Fundação Telefônica Vivo com a coordenação pedagógica do [CENPEC](#) (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária) e desenvolvimento tecnológico da [Fundação Vanzolini](#). Tratava-se de uma Rede Social Educativa cuja proposta estimulou o trabalho colaborativo entre escolas da rede pública do Ensino Fundamental e do Ensino Médio das cinco regiões brasileiras a partir da interação virtual e produção de conteúdos em múltiplas linguagens por alunos e professores.



Ana Carolina Carvalho

Educadora, 42 anos, São Paulo (SP). *Transformou* as memórias de infância em inspiração para pesquisar formas inclusivas de compartilhar conhecimento. Por meio dessas práticas, mostrou como fortalecer os vínculos afetivos na comunidade escolar.

“Como foi seu primeiro dia de aula?”, “Quais eram as brincadeiras da sua infância?”. Perguntas como essas trazem muitas imagens à memória de Ana Carolina Carvalho. Ela se lembra de quando tomava lanche em um bonde antigo, estacionado na área externa da escola, que ficava dentro de um clube da capital paulista: “Brincávamos nele, como se fôssemos pessoas de antigamente. E tinha também o carrossel, os balanços, as árvores. Acho que fui salva por este parquinho ...”, recorda.

Mas ela também relembra que não era fácil deixar esse jardim, amplo e com tantos encantos, e voltar para a classe! Formavam-se filas para entrar em duas salas distintas: a dos alfabetizados e a dos não alfabetizados. “Eu já lia, mas não desenhava as letras. Eu queria estar na dos alfabetizados, olhava para aqueles alunos com uma inveja danada. A fila me excluía do grupo daqueles que sabiam algo que ainda me faltava. De quem era a culpa por eu não saber? Minha? Da professora? ‘Ninguém sabe tudo, mas também ninguém não sabe nada’, me segreda o Paulo Freire, tentando reparar o estrago precoce, aparecendo para me consolar nas vezes em que ainda me pego naquela fila, assustada com o que não sei, temendo o que ainda não tenho”, relata Ana em seu artigo “Ainda fazemos fila?”, publicado na revista *Avisalá*, publicação da ONG homônima, que reúne artigos sobre Educação. Essa experiência marcou a menina para sempre, primeiro como um conflito, depois como inspiração.

Formada em Psicologia, Ana Carolina começou atendendo pacientes em consultório. Com o nascimento dos dois filhos, Teresa e João, resolveu mudar a rotina e foi dar aulas para crianças. Interessou-se pela formação de professores e tornou-se editora de publicações dirigidas a esse público. Depois de produzir alguns livros para uma grande editora, foi chamada para o projeto, apoiado pela Fundação Telefônica Vivo, que lhe trouxe novos desafios: “Começamos em 2008. Pela primeira vez, alunos, professores da rede pública municipal e outras pessoas das comunidades foram estimulados a relatar suas histórias de vida, seus nascimentos, brincadeiras, hábitos e descobertas da infância. Isso foi muito rico. Além de desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, toda essa experiência passou a ter importância e valor afetivos. Isso aumentou a intimidade entre as pessoas e reforçou o elo com a escola, de uma forma que ainda não tinha sido experimentada por muitos”, conta Ana.

Em um ano de trabalho, o projeto gerou um mar de histórias, que emocionaram e mostraram que todos, absolutamente todos, têm uma vida interessante. Primeiro, as narrativas foram orais. Depois, foram transformadas em textos publicados nos blogs escolares e, em seguida, no EducaRede, portal de Educação da Fundação Telefônica Vivo, onde podiam ser acessadas e comentadas por pessoas de dentro e de fora da escola — uma novidade para a época e também na vida de Ana Carolina. “Eu não tinha intimidade com a tecnologia. Tive que aprender a lidar com a metodologia do Museu da Pessoa — um museu de histórias de vida, com um acervo virtual. Eu fazia a ponte entre as escolas, conhecia todos os depoimentos, mediava contatos e ia aprendendo também a tecer essa rede de conhecimento virtual”, diz Ana, que também é membro da equipe do Instituto Avisalá, ONG especializada na educação continuada de professores, em São Paulo.

Em 2009, essas histórias foram reunidas no livro *Nossa Escola Tem História* que, com mais de 300 páginas, eterniza a infância de dezenas de pessoas, cada uma com sua graça. Nesse processo, a fila dos que “não sabem” foi substituída pelos círculos de conversa, com espaço para imaginação, memória, singularidade. E tudo muito vivo...



Minha Escola Tem História

Realizado pela Fundação Telefônica Vivo entre 2008 e 2009, em parceria com a [Secretaria Municipal de Educação de São Paulo](#) e o [Museu da Pessoa](#), o projeto potencializou o aprendizado de leitura e escrita dos alunos das escolas municipais por meio do registro de suas histórias no meio digital.

Transformação é

“olhar para trás, reconhecer que era bom, mas que hoje é *melhor*.”, Lorena Vicini, editora do *Histórias de Transformação*

“agir para concretizar seus sonhos, *compartilhando* aprendizados ao longo do caminho.”, Anna Paula Nogueira, Fundação Telefônica Vivo

“passar por alterações *intencionais* na mente, no coração e no espírito.”, Alessandra Ewerton de Sousa, Telefônica Vivo

“passar a ser o que se *quer ser*.”, Monica Galiano, International Association for Volunteer Effort - IAVE

“viajar – por si e pelo mundo – e ampliar as fronteiras que fazem dos *sonhos* realidade.”, Coletivo Educação

Infância e Adolescência



A promoção dos direitos das crianças e adolescentes está presente desde o início dos trabalhos da Fundação Telefônica Vivo no Brasil. Abraçamos a causa do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e uma das iniciativas para torná-lo mais conhecido foi o Concurso Causos do ECA que, em sete edições, recebeu mais de cinco mil histórias reais de pessoas comuns, com testemunhos de transformações de vida provocadas pela aplicação do Estatuto.

Atualmente, o principal foco dessa área é o enfrentamento ao trabalho infantil, tema compartilhado com as Fundações Telefônica em outros 13 países da América Latina.

Desafios

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) já completou 23 anos, mas essa população ainda é muito vulnerável em todo o Brasil. Apesar da redução dos índices nos últimos anos, ainda há 3,4 milhões de crianças e adolescentes brasileiros trabalhando, com maior concentração na região do semiárido.

O Brasil tem o compromisso de erradicar as piores formas de trabalho infantil no país até 2016 e todas as formas até 2020 (Convenção da OIT/1999) e trabalhamos fortemente para o alcance dessa meta.





Nossos projetos atuais

Nessa área de atuação, usamos uma variada combinação de estratégias: atendimento direto a crianças e adolescentes, fortalecimento de políticas públicas, cursos e difusão de informação para a rede de atendimento, campanhas de mobilização e informação para ampliar a visibilidade do tema e engajar a sociedade. Tudo isso realizado em parceria com organizações governamentais e não governamentais, com especialistas no assunto e com as pessoas que trabalham diretamente nesse campo.

Os projetos hoje em desenvolvimento priorizam:

Atendimento de crianças e adolescentes na região do semiárido, por meio de cinco projetos realizados com parceiros que já atuam nessas localidades.

Apoio técnico aos municípios na estruturação de planos efetivos de enfrentamento ao trabalho infantil e capacitação da rede de atenção à criança e ao adolescente.

Desenvolvimento de campanhas nacionais para mobilizar e engajar a sociedade civil.

Formação a distância – Curso on-line [“A Escola no Combate ao Trabalho Infantil”](#).

Nossos resultados mais recentes

As ações de enfrentamento ao trabalho infantil incluem o atendimento direto a mais de **25 mil crianças e adolescentes** só no Brasil. Hoje, **8.432 crianças** e adolescentes participam de atividades em cidades do Nordeste e Vale do Jequitinhonha.

Em 2012, mais de **25 milhões** de pessoas impactadas nas redes sociais pela campanha **É da Nossa Conta!**.

A [Rede Pró-Menino](#) dá um caráter contínuo a todo o processo. Nessa plataforma virtual, todos os materiais de apoio produzidos pela Fundação Telefônica Vivo permanecem disponíveis para os mais de **300 mil usuários**, além de informações, notícias, pesquisas e diversos conteúdos sobre direitos da infância e adolescência.



Antonio Lima

Procurador do Ministério Público do Trabalho, 45 anos, Fortaleza (CE). *Transformou* a infância, vivida na zona rural cearense, no início de uma longa jornada em defesa dos direitos da criança e do adolescente e pela erradicação do trabalho infantil.

“O Toinho é estudioso e vai ser doutor!”. Dito e feito: o menino, nascido e criado no árido interior cearense, cumpriu a sina da frase tantas vezes ouvida na infância. Antonio de Oliveira Lima é o quinto dos oito filhos de seu João, que ficou apenas 23 dias na escola, tempo suficiente para aprender a ler, escrever e fazer contas. “Comigo foi diferente, apesar de ter começado a trabalhar pequenino, como ele. Aos 6 anos, em casa, já debulhava o feijão e o milho e pilava o arroz. As mãos ficavam machucadas, os olhos irritados, pois os grãos soltam um pó que provoca alergia”, lembra. Aos 7 anos, entrou na escola e começou a semear um caminho próprio, mesmo indo para a roça com os mais velhos. “Descobri que gostava de estudar, tirava boas notas e ajudava os colegas. Mas, mocinho, me marcou a vergonha que sentia na escola, por ter as unhas sempre sujas de terra”, rememora.

Nessa época, o Dr. Antonio não questionava esses costumes. Também não imaginava que fosse atuar fortemente para mudar essa realidade. “Segui assim. Fui o único dos irmãos a fazer faculdade. Cursei Direito, passei em vários concursos e me tornei Procurador do Ministério Público do Trabalho, há 12 anos. Ali, passei a compreender a gravidade da questão do trabalho infantil. Mesmo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, parecia natural que as crianças trabalhassem para ajudar os pais, que também começaram cedo na labu-

ta. Reconheci que isto faz parte da minha história e da de milhares de outras crianças brasileiras”, conta. “Mas como combater essa mentalidade tão arraigada já que, no senso comum, contratar crianças e adolescentes, ou sobrecarregá-los com tarefas domésticas, é uma forma de ajudar as famílias?”, perguntava-se.

Depois de muita pesquisa, Dr. Antonio chegou à resposta: a Educação. É possível transformar essa realidade a partir dos municípios ou, mais precisamente, das escolas, que lidam direto com as crianças e suas famílias. O primeiro passo para essa revolução foi dado em 2008, quando ele reuniu Secretários de Educação dos municípios cearenses e pediu que fossem seus parceiros no Programa de Educação contra a Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente, o [PETECA](#). O ECA entrou nas discussões com os professores, que passaram a identificar crianças que tinham seus direitos ameaçados. Desde 2009, o programa é realizado na maioria dos estados brasileiros.

Um ano mais tarde, essa prática tão fértil começou a ser multiplicada. “No Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, conheci o projeto ECA na Escola, da Fundação Telefônica Vivo, que permitia fazer essa conscientização de forma muito mais abrangente e rápida. Unimos forças e, aproveitando as ferramentas tecnológicas, consolidamos uma grande rede em favor dos direitos das crianças e dos adolescentes”. Atualmente, esse é um dos módulos do curso **[A Escola no Combate ao Trabalho Infantil](#)**.

Juntos, o PETECA e a Fundação, que este ano lançou a campanha **É da Nossa Conta!**, potencializaram suas ações em torno do mesmo objetivo: fornecer ferramentas para que os educadores se tornem agentes da transformação social. “Temos muito trabalho pela frente. Três milhões e 400 mil crianças estão, ainda hoje, envolvidas no trabalho infantil ou em algum tipo de exploração. Queremos que os pais não repitam suas histórias e possam, de fato, permitir que os filhos tenham uma vida melhor”, diz o Dr. Antonio, casado com Lili e pai de Letícia, 11 anos, e de Toninho, 6 anos.



[A Escola no Combate ao Trabalho Infantil](#)

Curso on-line gratuito da Fundação Telefônica Vivo, disponível no site da Rede Pró-Menino. Permite que professores e interessados aprofundem seu conhecimento sobre o ECA, trabalho infantil e proteção ao adolescente trabalhador.

[É da Nossa Conta!](#)

Utilizando o poder de conexão das redes sociais, a campanha colaborativa tem como objetivo central incentivar o envolvimento da sociedade nos debates sobre o trabalho infantil e o trabalho adolescente protegido.



Evellyn Ribeiro

Estudante, 18 anos, São Paulo (SP). *Transformou* seu entusiasmo em instrumento de conscientização sobre direitos dos adolescentes. Aprimorou seu poder de comunicação e ganhou voz firme para decidir seu rumo e influenciar outros jovens positivamente.

Com olhos muito vivos, sorriso largo e muita curiosidade, Evellyn Ferreira Ribeiro se destaca na comunidade de Vila Guacuri, na zona sul da capital paulista. A menina começou a fazer teatro aos cinco anos. “A região onde moro é carente, mas temos acesso à cultura e isso faz toda a diferença. Sempre fui tagarela e foi nessas oficinas, que faço desde pequenininha, que aprendi a não ter medo de gente”, diz ela. Ligada em tudo que acontece a sua volta, aos 14 anos Evellyn percebeu que a escola onde estudava recebia visitas periódicas do Conselheiro Tutelar José Liberato: “Comecei a acompanhá-lo nas conversas com os jovens. Ele queria saber como cada um vivia, se trabalhava ou não, quais eram as condições das famílias. Logo comecei a participar de reuniões no Conselho Tutelar e fui eleita delegada regional, representando os jovens em eventos que promoviam a defesa dos direitos humanos de crianças e adolescentes”, conta.

Cumprindo essa missão, viajou para Brasília e Rio de Janeiro. “Foram muitas experiências, mas ainda assim eu continuava um pouco tímida. Um dia, uma agente comunitária me chamou para conhecer a [ONG Viração Educomunicação](#), parceira da Fundação Telefônica Vivo. Fui e gostei muito de aprender mais sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e de ficar mais esperta em relação ao trabalho infantil. O curso durou três meses e foi muito legal”, conta a estudante. “Depois, comecei a participar também da **Agência**

Jovem de Notícias, cobrindo eventos. Circular, entrevistar e produzir as notícias me deu muito estímulo para continuar fazendo uma rede de relacionamentos. Sei que isso pode me levar aonde eu quiser”, acrescenta.

Pelo seu desembaraço e por gostar do tema, a moça foi uma das 15 jovens da Agência de Notícias convidadas pela Fundação Telefônica Vivo a participar do Fórum Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil, em 2012. Evellyn esteve no lançamento da campanha *É da Nossa Conta!* em São Paulo, registrando tudo o que acontecia no evento e elaborando posts para a Rede Pró-Menino. Também produziu conteúdo para o encarte da Fundação sobre a campanha.

Essa experiência abriu novos horizontes. Entre os eventos que Evelylyn já cobriu, um dos mais marcantes foi o [Seminário Internacional Brasil-EUA sobre Empoderamento de Meninas](#), apoiado pelo Unicef e realizado no Rio de Janeiro, em 2013. “Durante três dias falamos sobre política, trabalho e proteção dos nossos direitos. De fato, a política me chama muito e estou sempre engajada em alguma luta”, diz ela, que cursa o último ano do Ensino Médio e trabalha como Aluna-Monitora no laboratório de informática de uma das escolas de seu bairro.

Segundo Rafael Silva, jornalista e educador da ONG, Evelylyn se destaca pela simpatia e pela clareza: “Ela não espera para começar um debate ou tomar atitudes. Além disso, muitos jovens já chegaram aqui motivados pela experiência e pelo entusiasmo dela”, declara. E ela influencia mesmo. Conseguiu fazer a cabeça da irmã caçula, de 15 anos, e de vários amigos menores de idade para que desistissem de trabalhar em lanchonetes ou distribuindo folhetos em farol. “Sabendo conversar, dando argumentos contra o trabalho infantil e mostrando o quanto isso prejudica o futuro, de certa forma eu influencio, sim. Sei que este é um grande poder e quero continuar fazendo isso”. Agora ela quer conciliar essa militância com a faculdade de Artes Cênicas: “Vou prestar vestibular e entrar na USP. Não posso viver sem o teatro”, confessa.



Agência Jovem de Notícias

Projeto da ONG Viração apoiado pela Fundação Telefônica Vivo. Articula núcleos de organizações sociais e escolas do Ensino Fundamental e Médio, que produzem e disseminam informação de interesse comunitário, utilizando os princípios e técnicas do jornalismo social, comunitário e colaborativo.



Edson Terra Júnior

Psicólogo, 31 anos, Araçatuba (SP). *Transformou* sua descrença no impacto de projetos sociais em prontidão para agir construtivamente. Isso aconteceu a partir do trabalho com crianças e adolescentes expostos a sérios riscos sociais.

Em 2009, recém-formado em Psicologia, Edson se inscreveu como voluntário no **Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)**, em Araçatuba, cidade do interior paulista com 200 mil habitantes e um quadro de periferia carente, altos índices de violência doméstica, exploração sexual e trabalho infantil. “Naquela época eu era pouco flexível, costumava fazer julgamentos rápidos e duvidava que realidades tão duras pudessem ser mudadas. Mas, comecei a atuar junto a crianças, adolescentes e suas famílias”, conta. Edson lembra que um dos projetos, na época, era fazer um documentário colaborativo, visitando os participantes do programa em suas comunidades de origem. “Era uma realidade diferente da minha. Íamos às casas dos moradores fazer entrevistas, gravar vídeos e tirar fotos. As imagens diziam muito sobre a forma como entendiam esse contexto. Surgiram reivindicações e reações daqueles que, anteriormente, sofriam calados. Aos poucos, tornavam-se mais ativos e críticos em suas comunidades. Isso me motivou a acreditar nas políticas públicas”, recorda Edson, que deixou recentemente o cargo de coordenador técnico do PETI para atuar como coordenador do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), na mesma cidade.

Segundo ele, um dos pontos fundamentais para dar consistência a este trabalho foi a interface do PETI com a Fundação Telefônica Vivo. A parceria durou seis anos: “Foi fundamental a consultoria do Instituto Fonte,

também parceiro da Fundação. Esses consultores acompanhavam o programa, nos visitando e pela internet. Isso contribuiu para o desenvolvimento e fortalecimento socioinstitucional. Aprendi que o meu conhecimento não é maior do que o da criança que sofre. Isso me permite ter posturas mais acolhedoras e humanizadas. Esse processo me deixou mais próximo até da minha família”, reconhece Edson. “Além disso, participamos de seminários trocando experiências com outros 18 projetos conveniados para a erradicação do trabalho infantil. E os recursos financeiros ajudaram nas campanhas de conscientização e no programa de geração de renda, voltado para as famílias das crianças do PETI”, conta.

Atualmente, 85 crianças e adolescentes fazem parte do programa. No contraturno escolar, brincam, participam de atividades artísticas – dança, teatro, artes plásticas – fazem o dever de casa e, na convivência, vão descobrindo e desenvolvendo seu potencial. Nesse espaço exercem o direito de aproveitar a infância.

“Todo dia tenho provas de que um ambiente confiável promove grandes mudanças. Por exemplo, há alguns anos chegou aqui uma garota tímida, passiva e retraída, vítima de diversas violações. Um dia, ela se desentendeu com um colega e se justificou: reagira porque o menino tinha tentado passar a mão na perna dela e não aceitaria mais esse tipo de atitude. Pela primeira vez, ela estava deixando de ser passiva e de sofrer calada uma agressão. Ela sentiu que não havia o que temer, que podia falar e ser ouvida. Isso a tornou mais sociável nas brincadeiras e atividades”, diz Edson. Com 12 anos, essa menina foi eleita representante da região de Araçatuba na Conferência Lúdica dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes, por dois anos consecutivos, onde propôs e discutiu os interesses das pessoas dessa faixa etária. “Essa história foi uma das mais marcantes para mim. Principalmente, por concretizar a transformação de uma vítima de violação de direitos em uma protagonista, pronta para atuar não apenas na sua vida, mas na de outras crianças”, finaliza.



Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

Promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, o PETI articula a participação de estados, municípios e sociedade civil na realização de um conjunto de ações que efetivamente retirem crianças e adolescentes do trabalho precoce. O PETI conta com a parceria da Fundação Telefônica Vivo. A troca de experiências entre funcionários de 18 programas conveniados do PETI, incluindo Araçatuba, foi possível graças ao acesso a uma plataforma de construção de rede on-line e à assessoria do [Instituto Fonte](#) – parceiro da Fundação que é referência na consultoria em processos de desenvolvimento social.



João Batista Perri

Maestro, 48 anos, Bebedouro (SP). *Transformou* a vida de centenas de crianças e jovens sob risco de trabalho infantil criando a Orquestra de Violões e Flautas, com aulas e ensaios no contraturno escolar.

Aos 10 anos de idade, o menino João ganhou um violão da mãe e logo começou a estudar música. Não demorou a tocar o instrumento nas reuniões de jovens de uma igreja católica. Com 16 anos, começou a se apresentar em festas, onde conheceu Claudia. Depois de dez anos de namoro, ele já formado em Música e ela em Pedagogia, decidiram casar na vida e na arte. Unido há 23 anos, com dois filhos também músicos, o casal está à frente de projetos de iniciação musical reconhecidos como um potente recurso de inclusão social. A sensibilidade, a disciplina, o espírito de equipe, a convivência em grupo e o fortalecimento da autoestima são despertados pela música em centenas de crianças e jovens, que ganham estímulo para frequentar a escola, deixando de lado o uso de drogas e o trabalho infantil.

Esse problema social que tão fortemente atingia a cidade de Bebedouro, no interior paulista, começou a ser vencido em 2005, com a implantação do projeto **Semeando Futuro**, apoiado pela Fundação Telefônica Vivo. A iniciativa prevê ensino integral com atividades artísticas e esportivas em oito escolas e dois centros educacionais. "A pedagogia e a música, juntas, têm um grande potencial transformador. Claudia e eu já tínhamos a experiência de ter fundado o Bate-Lata, projeto municipal de inclusão social por meio da música, que coordenamos até hoje. E, em 2008, a orquestra, parte do Semeando Futuro, foi formada com 200 alunos

da rede municipal,” conta o maestro. Para diversificar as sonoridades da orquestra e incluir outras crianças, ele abriu o grupo para o som das flautas doces. Nesses primeiros cinco anos, ele viu crianças agressivas e desconcentradas, se tornarem calmas e interessadas em ler partituras, com disposição para ensaiar muito. “Incluímos os talentosos e também aqueles que têm dificuldades, que exigem mais paciência e precisam ser cativados para ganhar um sentido para a vida”, explica.

No repertório, peças de compositores consagrados como Heitor Villa-Lobos e Vinicius de Moraes que, além de educativas, agradam o público que assiste às apresentações. Centenas de jovens já passaram pela orquestra desde sua criação. Quinze deles se tornaram professores e hoje são multiplicadores da essência do projeto. Entre eles, está Marcos Vinicius de Paula que, aos 24 anos, dá aulas de música em duas escolas municipais para cerca de 200 crianças. “Estou fazendo por eles o que o maestro João fez pela minha turma. Quando entro na sala de aula, é como se estivesse no palco. É ali, diante dos alunos, que posso fazer a diferença. Venho da mesma realidade deles e dou o exemplo de que é possível aprender a tocar, a falar, a agir. Assim, é possível formar pessoas de caráter positivo”, diz Marcos, que se formou em Pedagogia.

Como o som, que reverbera longe, a [Orquestra de Violões e Flautas](#) provoca transformações no seio de cada família e na mentalidade de comunidades inteiras. “A orquestra agora é itinerante, levando música para asilos, hospitais e agências bancárias, desenvolvendo a solidariedade e a cidadania nos pequenos músicos”, conta João.

Em meio a muitas utopias realizadas, um momento se destaca: ele gosta de lembrar que chorou quando regeu, pela primeira vez, o grande conjunto de cordas e sopros no Encontro Municipal de Educadores de 2009. A música era “[O Trenzinho do Caipira](#)”, de Heitor Villa-Lobos. “Não deu para segurar e até hoje me emociono e me surpreendo vendo tudo isso acontecer”, diz o maestro, que segue com muitos meninos no trem, provando que é possível fazer cirandas e virar destinos...



Semeando Futuro

Projeto que teve apoio da Fundação Telefônica Vivo oferece aulas de música, dança e judô para 2.500 alunos. Essas atividades são realizadas no contraturno escolar para manter em espaço seguro crianças de 5 a 12 anos em risco social.



Maquilene Murta

Educadora social, 37 anos, Ponto dos Volantes (MG).

Transformou os cursos a distância em uma prática para constante aprimoramento profissional. Desde a infância, vence obstáculos e aproveita cada chance de fazer um futuro melhor.

São 11 horas da noite e há muito tempo as galinhas e os habitantes da pequena Ponto dos Volantes já foram dormir. Porém, na sede da ONG Visão Mundial, uma luz está acesa, o computador está ligado e a educadora Maquilene Borges Murta está on-line, conectada no site da **Rede Pró-Menino**. “Não tenho equipamento em casa e por aqui não é comum usar a Educação a Distância. Moro a 650 quilômetros da capital, Belo Horizonte, e é difícil investir em especializações. Mas há dois anos, descobri essa forma de atualização. Passo horas estudando. Mesmo que isso não me dê um diploma, me faz bem e ajuda a me posicionar diante das dificuldades da minha região”, explica. Maquilene nasceu e foi criada no Vale do Jequitinhonha, um dos pontos mais carentes do Brasil, onde atua como educadora social, atendendo escolas vinculadas à ONG Visão Mundial, e leciona no Ensino Fundamental e Médio, na Escola Estadual Alonzo Barbuda.

Muito mais difícil do que dominar a tecnologia, foi vencer os obstáculos da vida. Maquilene era a caçula de sete irmãos, cresceu na roça, ajudando os pais na lavoura de milho, feijão, arroz. “Para ir à escola, tínhamos que andar quatro quilômetros. O meu único caderno era guardado em um saco plástico. Só na 6ª série criei um porquinho e, quando ele estava bem gordo, vendi. Com o dinheiro, consegui comprar uma bolsa jeans para carregar o pouco material”, lembra.

Até concluir o Magistério, foram três anos pegando carona na boleia dos caminhões para ir e voltar do curso noturno feito em outra cidade. Depois de formada, Maquilene teve um filho. “Eu ia com o bebê no colo, pegava carona e subia o morro a pé até chegar à escola rural, distante 50 quilômetros da minha casa; 12 deles percorria a pé”, recorda. “Hoje, moro na cidade e meu filho de 13 anos tem professor, material e merenda de qualidade. Mas, como educadora social, visito as crianças do campo e me vejo em muitas delas. Isso me emociona e me motiva a deixar marcas positivas para que, como eu, elas não desanimem e aprendam como mudar sua realidade”, conta Maquilene.

Em 2011, o primeiro curso a distância que realizou no site da Rede Pró-Menino foi sobre o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA): “Minha consciência ampliou-se. Com os vídeos e as aulas muito boas, descobri que o ECA não tem caráter punitivo; ao contrário, é uma ferramenta que garante os direitos das crianças. Antes, via o menor infrator como agressor. Hoje, sei que ele é uma vítima da falta de resposta da sociedade às suas carências. Como mediadora, posso desencadear ações sociais; por exemplo, estimular as comunidades a se unirem para solucionar problemas locais”, acredita Maquilene.

Foi assim na comunidade de Pedra Alta, onde moram 40 famílias e o grupo de pais reclamou da merenda. Acostumados com abordagens assistencialistas, perguntaram: “O que a senhora que vem de fora vai fazer para melhorar essa situação?” e ela respondeu: “Sinceramente, não tenho como fazer nada. Mas vocês podem ir à Secretaria de Educação e cobrar esse direito”. Maquilene incentivou e acompanhou a mobilização local: “Eles conseguiram um freezer e um cardápio diferenciado. Além disso, aprenderam na prática como reivindicar o que é de direito. Essa é a mudança social acontecendo”, confia Maquilene, que agora está fazendo a formação on-line sobre trabalho infantil.

“Precisamos de muitas ações para mudar o nosso mundo, que está muito perverso. É assim que estou fazendo a minha parte”, afirma a educadora, sempre disposta a ensinar outros professores a utilizarem a tecnologia.



Rede Pró-Menino

Iniciativa da Fundação Telefônica Vivo em parceria com o [Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor \(CEATS\)](#). O objetivo é, a partir das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), disseminar conhecimento, conectar pessoas e promover a mobilização da sociedade em prol da defesa dos direitos de crianças e adolescentes. O portal oferece cursos gratuitos on-line como “A Escola no Combate ao Trabalho Infantil”.



Luiz César Madureira

Educador social, 30 anos, Diadema (SP). *Transformou* os esportes e a Educação Física em instrumentos para restaurar a autoestima e a dignidade de crianças carentes envolvidas com trabalho infantil.

A primeira vez em que pisou no bairro de Canhema, um dos mais carentes e populosos de Diadema, município da Grande São Paulo, Luiz César Madureira sentiu o impacto. Cruzando becos e vielas, o então estagiário de Educação Física chegou a uma quadra onde 30 crianças, uma corda e uma bola murcha o esperavam, na sede do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). “Esta cena aconteceu há dez anos e sempre volta à minha mente. Havia meninos e meninas marcados por experiências de violência e exploração infantil. Me olharam firme, em silêncio, por longos minutos. Foi assustador. Até que um deles perguntou se eu era o professor. Disse que sim e coloquei a bola em jogo. Parecia um teste para ver se eu ia ficar ali ou sair correndo!”, diz ele, criado em uma família de classe média no município de Ribeirão Pires, a uma hora de Diadema. Nessa mesma época, ele recebeu uma proposta para trabalhar em um centro esportivo superequipado, mas não foi: “Resolvi ficar porque acredito na força da superação, mesmo com poucos recursos,” afirma Luiz.

Essa tenacidade tem raízes na família. Seu irmão mais velho nasceu com uma doença cerebral rara e ficou paralisado durante todos os seus 30 anos de vida. “Vê-lo imóvel e tão dependente dos meus pais me motivou a ser atleta. Depois de formado, dei aulas de natação adaptada para portadores de deficiência, com ótimos resultados, e podia ir além, interferindo também em questões sociais”, conta o educador. Dois anos depois, Luiz

teve a oportunidade de trabalhar no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) – Sul, no bairro de Eldorado, em Diadema. “Fazendo o cadastramento dos programas de transferência de renda, conheci 200 famílias. De 600 crianças, 155 trabalhavam”, lembra.

Em 2007, Luiz juntou as duas áreas, tornando-se educador social na **Associação de Apoio à Criança em Risco (ACER)**, na mesma época em que foi firmada a parceria com a Fundação Telefônica Vivo para a erradicação do trabalho infantil. “Fui responsável pela sensibilização da comunidade. Ia explicar para os comerciantes que contratavam menores de 16 anos por que essas atividades roubavam a infância, impedindo que os jovens tivessem um futuro melhor. Foi uma avalanche de reações de todos os tipos, aprendi ainda mais e aprimorei minha atuação”, conta.

Ele ficou cinco anos no núcleo de Assistência Social da ACER e resalta outro fator importante no seu desenvolvimento: “Fui um dos líderes da Comissão Municipal de Erradicação do Trabalho Infantil de Diadema. Participei de todos os processos de fortalecimento institucional, capacitações on-line e fóruns de educadores promovidos pela Fundação Telefônica Vivo. Na interação constante com essa grande rede, cresci muito e perdi o medo de falar em público”, diz. Em 2010, foi convidado pela Fundação a participar do III Encontro Internacional contra o Trabalho Infantil, em Bogotá, capital da Colômbia. “Foi um marco na minha vida e um reconhecimento profissional”, afirma.

Agora, ele coordena o departamento de Esportes da ACER, com atividades diárias e abertas para cerca de 600 crianças. E continua firme no seu propósito: “O mais emocionante é ver a mudança na vida de centenas de pessoas. Muitos voltam a estudar, encontram trabalho como aprendizes e saem do contexto da violência e da exclusão. Estou no lugar certo”, reafirma. Com apenas 30 anos, casado com a técnica de enfermagem Cibele e pai da pequena Ana Luísa, de 1 ano, Luiz está realizado e quer continuar à frente deste tipo de jogo em que todos ganham.



Associação de Apoio à Criança em Risco (ACER)

A ACER Brasil começou atuando na recuperação de meninos de rua na cidade de São Paulo. Anos depois, incluiu ações de prevenção da migração para as ruas, em Diadema. Com a mudança da sede para o município, em 2003, passou a atender crianças e adolescentes em duas linhas de intervenção: oferta de atividades e acompanhamento social. Com o apoio da Fundação Telefônica Vivo desde 2007, os núcleos de Educação e Cultura, Assistência Social, Desenvolvimento Comunitário e Esportes da ACER articulam-se para promover a defesa dos direitos humanos, atendendo mais de 2 mil crianças por ano.



Mayla Santoni

Pedagoga, 34 anos, Mococa (SP). *Transformou* a timidez em potencial criativo para mudar a realidade a sua volta. Descobriu que podia superar limites enquanto ampliava os horizontes de crianças e jovens carentes.

Quem vê Mayla Santoni, coordenadora do **Grupo TUMM**, em plena atividade, ou falando para mais de 200 pessoas em um evento do Unicef, custa a acreditar que um dia ela foi muito tímida. “Eu tinha medo! Era reservada demais”, conta. Mas isso começou a mudar em 2005, quando a então estudante de Pedagogia se inscreveu como voluntária para monitorar oficinas de leitura e escrita: “Foi um impacto conviver com os adolescentes de um bairro extremamente violento. Mas permaneci e, com paciência, fiz com que eles se interessassem pela atividade, sempre conversando para saber mais sobre a vida de cada um. Logo senti que esse era o começo de uma mudança, neles e em mim também. Isso me encantou e segui com esse trabalho”, diz Mayla.

Logo depois, ela começou a ir às escolas, monitorando oficinas e rodas de conversa sobre temas de interesse dos jovens. Com isso, pretendia oferecer um estímulo para que eles frequentassem as atividades da Casa do Adolescente, um dos projetos do Grupo TUMM para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST/Aids): “Nessa época, eu tinha acabado de me formar e a Tuni (Maria Antonieta Ribeiro Ciancio Pinto), fundadora do TUMM, era membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Soubemos da disposição da Fundação Telefônica Vivo em apoiar projetos para erradicação do trabalho infantil e decidi-

mos apresentar nossa proposta. Ela foi aprovada em 2008 e eu me envolvi mais ainda e fiquei mais motivada por fazer parte dessa equipe”, relembra.

O projeto **Cata-Vento de Possibilidades** ampliou a atuação em rede com os dispositivos de saúde, educação e comunidade, e também contribuiu para a formação continuada dos profissionais: “Tive acesso a vários cursos de capacitação oferecidos pela Fundação por meio da Rede Pró-Menino, o que tornou ainda mais consistente nosso trabalho. Ganhamos um computador e oferecíamos cursos on-line, o que não era comum na época. Foi muito importante, por exemplo, compreender a metodologia do Sistema de Monitoramento, que permitiu enxergar o trabalho infantil no contexto rural, doméstico, nas ruas. Pela primeira vez, cadastramos todos os jovens, fizemos um mapeamento preciso da ocorrência de casos em toda a região e isso ampliou nosso olhar sobre a questão e também permitiu encontrar soluções mais adequadas para cada caso”, conta. Em 2010, ela assumiu a coordenação desse projeto e vieram desafios ainda maiores. “A timidez ficou de lado mesmo. Eu tinha de estar à frente, tomando decisões importantes, falando com conselhos tutelares e promotores públicos, decidindo o encaminhamento das crianças e do nosso trabalho. Cresci muito e a autoconfiança venceu a timidez”, explica a pedagoga. “Acredito tanto no que faço, que fui capaz de falar para centenas de pessoas e a voz nem tremeu!”, orgulha-se.

Mayla vê refletido nos jovens com os quais atua o mesmo processo de fortalecimento pessoal que viveu. Ela conta que uma garota muito agressiva, acostumada a ambientes violentos, repreendeu um dos colegas por falar palavrão. “O melhor é saber que contribuímos para que a maioria das crianças e adolescentes se tornassem adultos capacitados, confiantes para agir na família e na sociedade. Eles poderiam estar na rua, nas drogas, mas preferiram estar aqui e encontrar novos rumos”, finaliza Mayla, uma guerreira cheia de delicadeza.



Grupo TUMM

Todos Unidos para Mudar o Mundo – as iniciais juntas formam a sonora palavra que batiza o Grupo TUMM, apoiado pela Fundação Telefônica Vivo. Fundado em 1995, o grupo fomentou a criação da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente, beneficiando centenas de crianças e jovens que participam de projetos.

Cata-Vento de Possibilidades

Resultado de uma parceria entre a Fundação Telefônica Vivo e o Grupo TUMM, o projeto foi realizado entre 2008 e 2012. Promoveu oficinas culturais e artísticas como estratégia de combate ao trabalho infantil e incentivo ao desenvolvimento do protagonismo juvenil entre os adolescentes carentes e em maior risco social de Mococa e cidades próximas.



Glaziela Solfa

Terapeuta ocupacional e educadora, 37 anos, São Carlos (SP).
Transformou a aplicação de medidas socioeducativas em um campo de experiências positivas, para que jovens infratores atendidos tornem-se cidadãos.

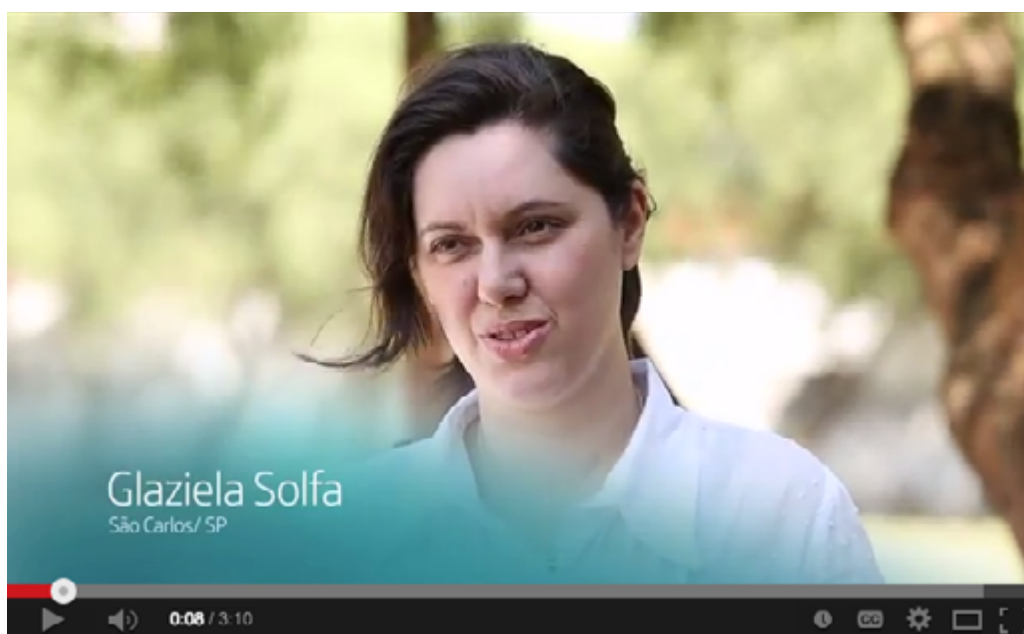
Quando escolheu a faculdade de Terapia Ocupacional, a jovem Glaziela Solfa já sabia que sua missão era cuidar de outras pessoas. Durante um congresso, há mais de dez anos, descobriu que poderia fazer isso num contexto socioeducativo, atuando diretamente na defesa dos direitos humanos. “Na época, isso ainda era novo, mas fiz especialização e, mais tarde, mestrado em Educação voltado às políticas públicas relacionadas ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Desde 2000, tenho a felicidade de trabalhar com o que gosto”, conta Glaziela, coordenadora do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto da instituição Salesianos São Carlos.

A cidade do interior paulista tem 230 mil habitantes e, apesar de reconhecida como polo tecnológico, é palco de contraste social. Situações de vulnerabilidade como violência e drogas marcam a vida de crianças e jovens, e alguns acabam entrando em conflito com a lei. Conforme a gravidade das infrações e de acordo com o processo na Vara da Infância e Juventude, os jovens são encaminhados para a liberdade assistida ou para prestar serviços à comunidade. “Aqui, orientamos os adolescentes, de 12 a 17 anos, e suas famílias. Nos últimos anos, atividades esportivas, artísticas, de inclusão digital ajudaram a mudar comportamentos e até a diminuir o número de ocorrências envolvendo adolescentes”, diz Glaziela.

Segundo ela, para conseguir esse objetivo, é necessária muita paciência, muita conversa com todos os envolvidos e boas parcerias para implantar atividades complementares. Foi assim em 2008, com o **Digitrampo**, um projeto desenvolvido com apoio da Fundação Telefônica Vivo, que tinha como objetivo preparar os jovens para o mundo do trabalho. “Foi possível montar um núcleo de inclusão digital. A sala bonita, com computadores novos, e as atividades interativas focadas no cotidiano deles criaram um espaço de convivência que gerou mudanças. Muitos jovens passaram a ter, de fato, outras perspectivas. E, mesmo depois da maioridade, muitos voltam para contar o que estão fazendo ou para pedir ajuda na hora de fazer um novo currículo. O lugar se tornou uma referência para eles”, diz Glaziela.

O Digitrampo cumpriu um ciclo de cinco anos em São Carlos. Nesse período, Glaziela teve dois filhos. “Minha vida se mistura com o meu contato com a Fundação Telefônica Vivo. Meu filho Pedro e esse projeto foram gestados juntos. Fazíamos uma consultoria com o Instituto Fonte, parceiro da Fundação, especializado em ajudar as equipes a compreender e aprofundar suas ações em iniciativas sociais. Nesse caso, a reflexão foi principalmente sobre a necessidade de cuidar de quem cuidava dos jovens. Então, quando o bebê nasceu, aproveitei a licença-maternidade para repensar minha atuação. Percebi que a formação acadêmica era importante, claro, mas o acolhimento era essencial. Afinal, aqueles pais e mães tiveram dificuldades em educar seus filhos. Isso foi muito forte”, lembra. “Entre os anos de 2008 e 2009, atendemos cinco vezes mais adolescentes que receberam a medida de internação. Então, tivemos o apoio da Fundação Telefônica Vivo para buscar novas estratégias”, ressalta Glaziela.

Há dois anos, Glaziela teve outra filha, a Mariana: “Acho que ser mãe me deixou mais segura para tomar decisões mais objetivas, com mais rapidez. A rotina ficou ainda mais intensa!”, diz ela, que tem sob seus cuidados 75 jovens em liberdade assistida e 19 prestando serviços à comunidade. Além dos dois filhos, Glaziela também gerou um livro, que conta essa experiência de defesa dos direitos de crianças e adolescentes.



Digitrampo

ONG apoiada pela Fundação Telefônica Vivo, tem como objetivo desenvolver competências e habilidades que propiciem a compreensão sobre forma, estrutura e funcionamento dos ambientes profissionais. A partir dessa preparação, os jovens podem perceber oportunidades de trabalho e novas possibilidades para o futuro. São realizadas oficinas de tecnologia, artes, esportes, higiene e saúde como parte dessa formação ampliada.

“_aprender com o passado e se abrir para o futuro, permitindo que o *novo* se instale e gere mais desenvolvimento e prosperidade para todos e para cada um.”, Anna Perido, Instituto Inspirare

Transformação é_

“_movimentar a ação para além da *forma*.”, Cybele Amado, Instituto Chapada

“_trazer para *existência* o que não existe.”, Aurino Gomes Júnior, Telefônica Vivo

“_acreditar que tudo e todos podem ser *melhores*, sempre, e que cada detalhe, cada pessoa, tem o seu grau de importância e o seu papel a exercer.”, Rafael Parente, Subsecretário de novas tecnologias educacionais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

“_Uma *pessoa* pode ser ruim e ficar boa.”, Gabriel - 5 anos, criança atendida pela ONG Lar de Nice

Inovação Social_



Acreditamos que o acesso às tecnologias favorece o protagonismo social e o empreendedorismo, pois permite a difusão e a valorização de ideias e práticas capazes de transformar situações problemáticas.

Identificamos os jovens como principal público-alvo dessas iniciativas, porque cremos que oportunidades de formação e acesso a novos recursos podem despertar sua capacidade para identificar e criar soluções efetivas e eficazes para problemas sociais de seu entorno.

Desafios

Muitas vezes, uma solução simples, empreendida por uma pessoa ou grupo, pode ser multiplicada e responder às demandas de comunidades inteiras. Porém, ainda hoje, no Brasil, existem localidades em estado de isolamento e regiões periféricas de grandes cidades com acesso escasso à tecnologia, o que prejudica o desenvolvimento econômico e social.

Acreditamos que o uso de novas tecnologias pode contribuir para favorecer o compartilhamento de experiências, o aperfeiçoamento de soluções já em andamento, a inspiração para o desenvolvimento de novas ideias e, conseqüentemente, a melhoria das condições sociais.





Nossos projetos atuais

Promovemos iniciativas para o empoderamento dos jovens em comunidades remotas ou de periferias urbanas, com base no Processo de Desenvolvimento de Empreendedorismo, um método criado pela equipe da Fundação Telefônica Vivo. O objetivo é que eles se tornem capazes de identificar problemas locais e suas potenciais soluções, estimulando o empreendedorismo social e a criação de negócios sociais comunitários, com foco especial na aplicação de tecnologias.

Além dessas iniciativas, apoiamos laboratórios de experimentação em inovação social aberta – o que envolve muitas parcerias – e a organização de atividades em grandes eventos, como o **Social Good Brasil**, o **Festival de Ideias** e a **Campus Party**. Também incentivamos o amadurecimento de ideias empreendedoras que promovam benefício social, por meio do **Desafio Tecnologias que Transformam**. As iniciativas selecionadas são beneficiadas com capacitação para seus autores e recursos financeiros para seu desenvolvimento.

Nossos resultados mais recentes

Ao conectar comunidades isoladas, permitimos melhorias na empregabilidade de jovens, na geração de renda, entre outros benefícios.

Em 2012, foram **100 jovens** formados no desenvolvimento de aplicativos e **577 famílias ribeirinhas** atendidas em Belterra (PA); **50 pescadores** formados no uso de um aplicativo próprio, em parceria com a Qualcomm, lançando uma estratégia de comércio justo em Santa Cruz Cabralia (BA); **1.000 jovens** formados para o mercado de trabalho, **150 jovens** formados em aplicativos e **200 participantes** em oficinas de produção audiovisual em São Paulo (SP).



Maickson Serrão

Estudante universitário, 21 anos, vila de Boim (PA).

Transformou em realidade o desejo de ter acesso à internet em sua comunidade. Transpôs as fronteiras geográficas, modificou sua vida e a de centenas de jovens de um povoado amazônico.

Esse jovem esperto nasceu na vila de Boim, margem esquerda do rio Tapajós, na Amazônia paraense. Lá, vivem 2 mil pessoas, a maioria descendente de negros e índios. O acesso a Santarém, a cidade grande mais próxima, com cerca de 300 mil habitantes, é feito por barco, com saídas apenas duas vezes por semana. A energia elétrica é produzida por gerador a diesel e dura apenas três horas por noite. E o sinal de celular só é captado bem perto da igreja matriz. Mas, em contraste, o Telecentro, no coração de Boim, tem eletricidade 24 horas por dias (gerada por placas solares) e computadores, mantendo o lugar conectado com o resto do planeta.

A inclusão digital chegou ali por causa da curiosidade de Maickson, um menino que trabalhava na agricultura familiar e jogava futebol, como todos os outros de sua idade. “Eu tinha 14 anos quando ouvi no rádio que na comunidade de Suruacá, também ribeirinha, os jovens tinham acesso à internet. Naquele momento pensei: ‘Eu não posso viver sem isso’. Consegui o contato da **ONG Saúde & Alegria**, em Santarém, e eles vieram conferir se valia a pena investir em Boim. Deu certo”, conta. Em 2005, os jovens criaram o jornal comunitário: “Eu fazia as reportagens e coordenava o trabalho, o que me ajudou a desenvolver a comunicação oral e escrita e a ter mais prazer em estudar. Depois conseguimos instalar uma rádio-poste, para todo o povoado ter acesso

às notícias e à música”, completa.

Em 2007, foi montado o Telecentro, ponto de acesso digital gratuito onde aconteciam ações de estímulo para atualização de professores, agentes de saúde, além de ações culturais. Mais uma vez, Maickson estava à frente. Aprendeu tudo que podia com as capacitações oferecidas pela ONG e passou a ensinar outros jovens. Por iniciativa própria, sem fazer cursinho, ele entrou na faculdade de Educação Física da Universidade Estadual do Pará, à frente de muitos jovens preparados da cidade de Santarém. Ele segue firme nos estudos e faz dois estágios remunerados. Está feliz por se desenvolver, ajudar no sustento da família e inspirar outros jovens ribeirinhos.

Todo esse processo fez Maickson, literalmente, ganhar o mundo. Na primeira vez em que viajou de avião, tinha 16 anos e foi para a Holanda, participar de um intercâmbio. Em 2010, a convite da Fundação Telefônica Vivo, foi à [Conferência Internacional de Cidades Inovadoras](#), em Curitiba (PR). Em 2011, participou do II Encontro Internacional de Jovens da Fundação Telefônica, em El Salvador, onde interagiu com outros jovens líderes da América Latina. No mesmo ano, Maickson participou do evento internacional, o The Elders and Youngers – Construindo um Futuro Melhor para Todos: Diálogos com Jovens do Brasil, no Rio de Janeiro. O jovem esteve na Campus Party, em São Paulo, e foi um dos finalistas do **Desafio Tecnologias que Transformam**. Com seu carisma, Maickson fomenta debates sobre as questões da floresta, da inclusão digital e da educação a distância. Publica notícias de Boim em seu blog na Rede Macoronga – rede comunitária de notícias sobre as questões que afetam a região –, abrindo o povoado para o mundo. “Agora tenho duas metas: estudar inglês e fazer faculdade de Jornalismo, sempre com foco na melhoria da vida da minha gente”, diz Maickson.



ONG Saúde & Alegria

Promove o desenvolvimento comunitário na Amazônia. Com a parceria da Fundação Telefônica Vivo, realiza o projeto [Conexão Amazônica](#) para o uso das tecnologias nos processos educacionais, de empreendedorismo, inovação social e protagonismo juvenil.

Desafio Tecnologias que Transformam

O concurso promovido pela Fundação Telefônica Vivo seleciona 80 ideias de empreendimentos que podem gerar impacto nas áreas de saúde, educação, esportes, entre outras. Os dez finalistas ganham um investimento-semente e uma plataforma de crowdfunding para concretizar seu negócio.



Thaís Cavalcante

Comunicadora comunitária, 19 anos, Rio de Janeiro (RJ).

Transformou o gosto pela escrita e pelas boas conversas em um intenso trabalho de reportagem, com espaço na rádio, no jornal e no mapeamento dos bairros de sua região.

“**E**u ganhei voz”. É assim que a jovem Thaís Cavalcante sintetiza a revolução que aconteceu em sua vida neste último ano e meio. Ela mora na Maré, região carente da capital fluminense onde vivem 140 mil moradores, distribuídos em 17 favelas. “Meus pais vieram da Paraíba para o Rio há 30 anos, buscando dias melhores. Meu pai é pedreiro. Ergueu um barraco e aos poucos foi construindo a nossa vida e refazendo a nossa casa, que hoje tem três andares. Cresci aqui, mas sem dar muita importância para o que acontecia à minha volta. Era comunicativa, falante, cantava no coral da igreja, mas não tinha senso crítico e não sabia o que fazer depois do Ensino Médio”, conta. Porém, o livro *O que é ser Jornalista*, de Ricardo Noblat, e uma conversa com a irmã (dez anos mais velha, cursando pós-graduação) a estimularam a se inscrever no curso de Comunicação Comunitária do jornal *O Cidadão*, com circulação em toda a Maré.

“Entrei na equipe como repórter e logo comecei a participar do **Wikimapa**, um projeto para trazer a favela para dentro dos mapas digitais, criado pela [ONG Rede Jovem](#). Então, fui a cada beco, cada viela, entrevistando as pessoas que fazem a história dos bairros da Maré. Visitei mais de 200 lugares e publiquei as reportagens no blog do projeto. Foram muitas as descobertas. Por exemplo, fiquei sabendo como a dona Leila, proprietária da doceria de Nova Holanda, faz aquela cocada e aquele arroz doce incríveis, que eu curto desde

a minha infância. Conhecer o meu território deu mais sentido para tudo que faço”, comemora. Ela foi wikirrepórter durante quatro meses. Nas reuniões do Wikimapa, Thaís travou contato com repórteres de outros bairros e teve mais motivos para ter orgulho de sua região: “Em comparação com a redondeza, a Maré é muito equipada. As crianças e jovens daqui têm oportunidade de fazer gratuitamente cursos de dança, violão, desenho, música, esportes, línguas, informática. Temos acesso a biblioteca pública, vila olímpica e muitas atividades culturais. Não é só carência e drama como mostra a grande imprensa”, reforça.

Por causa de seu entusiasmo e das boas entrevistas, Thaís ganhou popularidade e foi convidada a trabalhar como apresentadora na Rádio Maré FM, emissora comunitária. “Foi um desafio dominar os equipamentos da rádio, além da internet e das redes sociais, que eu já usava como instrumento para despertar reflexão e ajudar as pessoas a fazer escolhas conscientes. Também percebi que essas são armas poderosas nas horas mais tensas, inclusive para combater a violência e o tráfico. Moro na divisa entre Nova Holanda e Baixa, uma espécie de faixa de Gaza onde acontecem os maiores conflitos. Vi a chacina do dia 24 de junho de 2013 da minha janela. Eu não podia ir lá brigar, mas estava conectada, recebendo e passando informações sobre o que realmente ocorreu. Foram mais de mil ‘curtidas’ em minutos. Não pude evitar a morte de dez vizinhos, mas preveni amigos que esperaram tudo se acalmar antes de voltar para casa e, com informação, ajudei outras pessoas a se protegerem. Além disso, tivemos um relato dos fatos em tempo real, sem edição. Expressar indignação é a minha forma de tocar mais pessoas e de tentar mudar essa realidade”, diz convicta.

Agora, além do mapeamento da região e das atividades do jornal e da rádio, ela está empenhada em aprender inglês, para alçar mais um voo: “Estou me preparando para entrar na faculdade de Jornalismo”, conta Thaís, que já não começará do zero sua carreira de comunicadora.



Wikimapa

O projeto Wikimapa, criado pela ONG Rede Jovem e realizado em parceria com a Fundação Telefônica Vivo, produz um mapa virtual colaborativo, com intuito de identificar pontos de interesse e cartografia de ruas, becos e vielas de comunidades de baixa renda, ainda não registradas nos mapas oficiais. Os wikirrepórteres são jovens, moradores das comunidades, encarregados de percorrer seus territórios em busca de histórias e informações sobre os estabelecimentos e pessoas que compõem suas comunidades.



Rafael Rodrigues

Empreendedor social, 30 anos, São Paulo (SP). *Transformou* a promissora carreira de engenheiro em um caminho autônomo, com foco na criação e realização de negócios sustentáveis, isto é, empreendimentos que favorecem o meio ambiente e o bem-estar.

Trocar um cargo estável e bem remunerado em uma multinacional por um negócio próprio com muitas incertezas não é uma decisão fácil, mesmo sabendo que isso pode trazer benefícios para outras pessoas e para o planeta. Mas foi exatamente o que fez Rafael Henrique Rodrigues. “Estava tudo certo, mas eu queria outra coisa”, diz ele, que nasceu na zona leste de São Paulo, em uma família bem estruturada. Estudou em boas escolas, fez colégio técnico, trabalhou desde cedo. Foi em 2004, na faculdade de Engenharia Eletrotécnica, que surgiu o interesse pelos temas relacionados à sustentabilidade. Formado, Rafael logo foi contratado por grandes empresas multinacionais, mas não estava satisfeito. “Eu queria ir atrás do meu sonho. Então, em 2011, pedi demissão e deixei o mundo corporativo para trabalhar integralmente no desenvolvimento de estratégias para gestão sustentável de resíduos”, conta.

Para começar, resolveu conhecer a fundo a rotina de uma comunidade de catadores: “Acho que fui o primeiro engenheiro-catador do Brasil”, brinca. “Durante três meses, coloquei a mão na massa e vivenciei a rotina dessas pessoas. Eu precisava entender os detalhes do processo de coleta, seleção, triagem e venda dos resíduos sólidos para ter empatia com o público que eu queria atender. Então, fundei a ONG SOS – Sistemas Organizados para Sustentabilidade –, que tinha a missão de encontrar soluções criativas, transformando em

oportunidade o que, a princípio, parecia ser problema. Pensar estratégias inovadoras e sustentáveis me levou a ganhar um prêmio para jovens empreendedores, no mesmo ano de 2011. Foi a confirmação de que eu estava no caminho certo”, diz.

Rafael Henrique ajuda comunidades de catadores a encontrar estratégias capazes de trazer melhorias para todo o processo: a educação ambiental para coleta seletiva, a logística de coleta, a triagem do material e reinserção do catador na cadeia produtiva, sempre com foco na inclusão social pelo trabalho e na geração de renda, conforme as necessidades de cada local: “Tudo é implantado da maneira mais horizontal e colaborativa possível, integrando quem financia e quem é impactado pelas soluções colocadas em prática”, afirma.

Essa experiência gerou muita confiança nos processos transformadores. O passo seguinte foi motivado por outra inquietação de Rafael. “Eu estava em home office, mas não gosto de trabalhar sozinho. Como não ganhava o suficiente para custear um escritório fora de casa, resolvi apresentar um projeto no **Festival de Ideias**, que teve uma de suas etapas presenciais durante o [RIA Festival](#), evento realizado em 2012 pela Fundação Telefônica Vivo em parceria com o Itaú Cultural e o Centro Ruth Cardoso. Assim consegui realizar meu projeto de co-working, gerido e financiado colaborativamente. Fui contemplado com o investimento-semente e iniciei o piloto do que é hoje o [Ecoworking](#), uma casa no bairro da Penha, em São Paulo, onde outros empreendedores sociais podem dividir o mesmo espaço profissional a um custo baixo. O co-working também propicia um ambiente de troca de experiências e parcerias nos projetos”, explica Rafael.

Com tantos êxitos, a veia empreendedora pulsa cada vez mais forte: “Sou um empreendedor social e serial. Não quero parar de criar projetos que contribuam, efetivamente, para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e das cidades. Ainda estou em busca do equilíbrio financeiro, mas bem feliz com essa virada que dei em minha vida”, diz Rafael.



Festival de Ideias

Iniciativa do [Centro Ruth Cardoso](#), com parceria da Fundação Telefônica Vivo. Tem o intuito de fomentar soluções criativas para os problemas atuais da sociedade e para promover inovação e empreendedorismo, constituindo-se em uma rede de colaboração e troca de informações entre empreendedores, investidores e o público em geral. As ideias inscritas, sob diferentes temas, passam por uma seleção a fim de participar de um grande encontro presencial anual e concorrer a um investimento-semente para sua implementação.



Ana Dantas

Professora universitária, 47 anos, Florianópolis (SC).

Transformou uma ideia em um aplicativo para facilitar a manutenção dos bancos de sangue. Em fase piloto, o projeto pode ajudar a salvar vidas e, no futuro, tornar-se um negócio sustentável.

“Já criei meus filhos, já plantei uma árvore, já escrevi um livro. E agora, o que resta fazer de essencial?”, perguntava-se Ana Dantas, nascida em Brasília e moradora há 20 anos da capital catarinense. Doutora em Engenharia de Produção e professora universitária, Ana encontrou a resposta para sua questão existencial em sala de aula, quando seus alunos pesquisavam sobre o poder das mídias digitais nas campanhas de doação.

“Um aluno ressaltou a importância da doação de sangue e começamos a pesquisar. Na internet, vimos várias mensagens urgentes de pessoas cujos parentes enfermos, sem poder contar com doadores de tipo compatível, tinham que adiar tratamentos para doenças graves. Isso me sensibilizou e me levou a aprofundar a pesquisa”, explica. Ana não demorou a descobrir o Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (HEMOSC), um hemocentro modelo com sede em Florianópolis, responsável pela distribuição de sangue em todo o estado: “Entre outras ações, eles fazem campanhas para estimular a doação e também disparam e-mails para todos de sua rede quando é preciso repor o estoque de sangue. Porém, ainda assim correm o risco de não ter todos os tipos disponíveis ao longo do ano. A causa e a seriedade desse trabalho me encantaram”, declara a professora.

Aos poucos, Ana foi vendo com mais clareza como poderia colocar seu conhecimento a serviço dessa questão so-

cial e ajudar a salvar muitas vidas: “Como acredito que a tecnologia aproxima as pessoas e influencia em questões coletivas, comecei a pensar em um aplicativo que pudesse mobilizar mais doadores e também acionar diretamente os compatíveis com os tipos raros, O- e B-, ou mais necessários no momento”, conta ela, que, sem hesitar, inscreveu seu projeto no [Festival de Ideias](#) da rede **Social Good Brasil**, apoiada pela Fundação Telefônica Vivo, em 2012. “Nós ganhamos o investimento-semente, a ideia começou a ser concretizada e estamos testando estratégias de atuação” comemora. “Participar do processo Social Good Brasil também me fez despertar para o tema da inovação social e para este novo olhar, que amplia muito o leque de soluções. Também aprendi a lidar com novas metodologias e não parei de pesquisar o assunto, sempre pensando em gerar novas ações”, completa.

Além do aplicativo para redesenhar a logística de coleta e manutenção do estoque do HEMOSC, Ana percebeu a necessidade de criar uma nova cultura relacionada à doação de sangue. Afinal, todos produzem esse líquido vital e isso é motivo suficiente para se engajar. “Para tirar a doação do contexto usual, batizamos este projeto tão apaixonante de Cor Ação e criamos páginas nas redes sociais”, diz. Uma das campanhas de sensibilização, por exemplo, foi feita no Dia dos Namorados, convocando internautas a postarem fotos de corações. As imagens e informações puderam ser multiplicadas com um clique, trazendo mais gente para essa rede vinculada a uma questão tão vital.

“O piloto está sendo feito em Florianópolis e deve funcionar a todo vapor em 2014”, prevê a professora. Porém, esse é apenas o começo. A expectativa é de que o Cor Ação seja implantado no Brasil todo e em outros países, incluindo também bancos de medula óssea. “A inovação social com uso da tecnologia me apaixonou, pois é a chance de ajudar em questões tão importantes de forma muito imediata. Idealizar e produzir essa rede gera um efeito transformador e, na certa, terei muito o que fazer nesta outra metade da vida...”, vislumbra Ana.



Social Good Brasil

O programa foi lançado em 2012 no Seminário Internacional Social Good Brasil, que reuniu mais de mil pessoas presencialmente e teve cerca de 10 mil acessos por *live stream*. O Social Good Brasil surgiu da parceria entre o [Instituto Voluntários em Ação \(IVA\)](#), o [Instituto Comunitário Grande Florianópolis \(ICom\)](#), a Fundação Telefônica Vivo e o [Instituto C&A](#). Seu principal objetivo é inspirar cada cidadão e organização a agir frente aos problemas sociais que os afetam, por meio do uso das tecnologias, das novas mídias e do compartilhamento de experiências inovadoras de sucesso.



Luena dos Santos

Gerente da Associação de Pescadores Indígenas, 30 anos, Santa Cruz Cabrália (BA). *Transformou* a pesca por meio do uso de tecnologia e converteu a dor da viuvez na alegria de prosperar junto com sua comunidade.

Séculos depois de os portugueses chegarem à região, os nativos de Santa Cruz Cabrália, no sul da Bahia, continuam fazendo suas próprias descobertas. O município engloba várias comunidades de pescadores que, de um lado, mantêm suas raízes indígenas e, de outro, acompanham o progresso do século XXI conectados com o resto do mundo. Assim é na aldeia Coroa Vermelha, com cerca de 5 mil habitantes, onde vive Luena Maria Ferreira dos Santos. Filha de pai da tribo Pataxó, ela é gerente da Associação de Pescadores Indígenas, que articula 200 associados nativos envolvidos na pesca, beneficiamento e venda do pescado. Na organização, a força de trabalho feminina é mais usada para a coleta de mariscos e Luena é uma das poucas a trabalhar diretamente com os peixes, pois essa é tradicionalmente uma seara dos homens. Mas ela não se acanha.

Há seis anos, Luena perdeu o marido, com quem trabalhava pescando camarões e fazendo a contabilidade do que produziam. Sozinha, com duas filhas pequenas, precisava seguir ganhando o sustento. Algum tempo depois, chegou à comunidade o projeto **Pescando com Redes 3G**, uma parceria entre a Fundação Telefônica Vivo, a empresa Qualcomm e a Prefeitura do Município de Santa Cruz Cabrália que oferecia capacitação em informática. Luena se inscreveu no curso, e esse foi o primeiro passo para

muitas mudanças positivas em sua vida: “Eu estava acostumada a fazer contas no papel e, para dizer a verdade, no começo foi difícil lidar com os computadores. Eu apertava as teclas erradas e tinha que voltar. Mas os instrutores foram muito pacientes comigo e fui pegando o jeito. O melhor mesmo, e o que mais me apaixonou até hoje, foi aprender a lidar com as planilhas. Domino todos os comandos e com elas controlo tudo. Sei quanto é pescado, quantos quilos restam depois da limpeza, se os peixes são comercializados na comunidade ou se seguem para restaurantes e hotéis. Tudo fica registrado e atualizado. Podemos até comparar a oferta de peixes e a oscilação dos preços em várias épocas, sem errar”, diz Luena, que incorporou a tecnologia no dia a dia praiano.

Para ela e para boa parte dos pescadores locais, o tablet e o smartphone são importantes ferramentas de trabalho. “Com o sinal 3G, temos comunicação permanente com os barcos, que chegam a ficar 15 dias em mar aberto. Antes de retornarem, já sabemos o que foi pescado e começamos a fazer uma previsão das vendas. Facilita muito o nosso negócio, evita o desperdício, e isso é bom para todos”, afirma. “E também fica fácil ter informações sobre a previsão do tempo em toda a costa, prever a chegada da chuva e dos ventos”, completa.

Atualmente, ela concilia em sua rotina o curso de Contabilidade, o trabalho com o beneficiamento do pescado e o cuidado com as filhas: “Trabalho de sol a sol, com gosto! Ter acesso à internet e aprender tantas coisas melhorou muito a vida da comunidade, pois as famílias se uniram mais em torno da pesca, e a minha também. Juntei dinheiro para fazer minha casa de alvenaria, perto do mar e da associação. Posso dar mais conforto para minhas meninas e sou valorizada pelo que faço. Também peguei gosto por aprender coisas novas”, comemora. A moça diz ter muita fé e um sonho inusitado: “Quero fazer uma planilha só minha, onde eu possa colocar toda a sabedoria que está na minha cabeça”, confessa. “E pretende casar de novo?”, perguntamos. “Não, já casei com os peixes!”, brinca Luena, abrindo um sorriso.



Pescando com Redes 3G

O objetivo do projeto é criar condições para o desenvolvimento sustentável de comunidades pesqueiras do sul da Bahia a partir de ações de inclusão digital.



Thiago Messias

Estudante universitário, 19 anos, São Paulo (SP). *Transformou* as dificuldades da infância e da adolescência vividas na periferia paulistana mergulhando no universo digital. Esse foi seu estímulo para ingressar no mercado de trabalho e na faculdade.

“Quais são os seus ídolos?”, perguntou o professor. “Bill Gates e Steve Jobs!”, respondeu com voz firme um jovem tímido. Esse diálogo aconteceu no primeiro dia da **Oficina de Apps**, curso de desenvolvimento de aplicativos para tablets e smartphones da ONG Casa do Zezinho, promovida em parceria com a Fundação Telefônica Vivo, no Parque Santo Antônio, zona sul da cidade de São Paulo. O jovem tímido era Thiago Messias, na época com 17 anos. A seriedade de sua resposta impressionou o professor. “Citar os dois maiores gênios da tecnologia como inspiração não era pouco, ele tinha potencial, era responsável e gostava de desafios digitais. Começamos a estimulá-lo nas oficinas e incentivá-lo a fazer faculdade. Uma possibilidade até então muito distante para ele”, conta Evandro Ariki, coordenador do Mowa Social Office, parceiro da Fundação Telefônica Vivo no projeto.

Thiago cresceu na periferia de São Paulo, é filho único e foi criado sozinho pela mãe, costureira. Na infância, era sempre muito quieto e não gostava de ir à escola. “Tinha medo daquela gente toda. Eu continuei na escola, mas ainda não gostava de estudar. Quando fiz 10 anos ganhei um computador, conheci a internet e fiquei encantado. Lá tinha tudo que eu queria saber”, lembra. “Mesmo com a conexão lenta, cheguei a produzir oito blogs e dois sites. E, claro, a escola continuava uma chatice”, conta ele. Mas isso também mudou: na Escola Estadual Oswaldo Aranha,

no Brooklin, onde Thiago tinha fama de nerd, no 2º ano, surgiu a oportunidade de ser Aluno-Monitor, ajudando os colegas e professores no laboratório de informática. “Passei no teste e fui contratado. Ali começou uma nova etapa, ganhei muitos amigos e estava sempre propondo atividades, mesmo fora do laboratório. Foi assim até eu concluir o Ensino Médio. Não sabia como prosseguir. Minha mãe me matriculou na Oficina de Apps da Casa do Zezinho. Era gratuito e achei que ia ser uma babaquice. Mas, surpresa: o curso era muito interessante, os professores atenciosos e, afinal, eu estava aprendendo mais sobre o que mais gosto”, diz Thiago, que se enturmou rápido e foi mostrando seu comprometimento.

Os professores resolveram contratá-lo para trabalhar na Fábrica de Aplicativos, criada pelo Mowa Social Office, e novas possibilidades se abriram: “Isso mudou minha vida. Estou fazendo faculdade de Ciências da Computação, com bolsa de estudos. Com o que ganho, ajudo a pagar o financiamento da casa própria onde vivo com minha mãe. Lembro que, no primeiro mês, recebi dois salários juntos e eu nunca tinha visto tanto dinheiro! E o melhor: o trabalho parece brincadeira, não pesa nada. Nunca pensei em chegar tão longe e muito menos em dar uma entrevista sobre a minha vida!”, confessa Thiago.

Thiago iniciou sua carreira criando um aplicativo que possibilitava a conexão com outras duas paixões do rapaz: os mangás e o cosplay (hobby em que jovens se fantasiam de personagens de games japoneses). “Com um único aplicativo era possível acessar os cinco maiores eventos do gênero, via redes sociais”, explica. Recentemente, outro trabalho de Thiago ganhou destaque na mídia e cumpre uma missão importante. Ele desenvolveu um aplicativo do programa Ligado no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que disponibiliza – gratuitamente e pelo celular – aulas preparatórias para a prova.

Em 2013 foi convidado pela Fundação Telefônica Vivo para ser palestrante na Campus Party. “Foi muito emocionante falar do que faço em um dos mais importantes eventos de tecnologia”, orgulha-se.



Oficina de Apps

Em parceria com a Fundação Telefônica Vivo e [Mowa Social Office](#), a [ONG Casa do Zezinho](#) oferece estrutura tecnológica de ponta aos jovens que ingressam neste curso de capacitação. Eles aprendem a desenvolver aplicativos para tablets e celulares. Além disso, são estimulados a usar a criatividade para vencer os desafios sociais com o uso da tecnologia.



Monica de Almeida

Ativista socioambiental, 25 anos, Belterra (PA). *Transformou* a capacitação em tecnologia, feita ainda na adolescência no Telecentro de sua cidade, em um instrumento para ampliar o alcance de seu trabalho como militante e comunicadora social.

A comunidade Cidade Maior fica a 50 quilômetros do centro de Santarém (PA), no alto de um platô de onde se pode contemplar o poderoso rio Tapajós cortando, de ponta a ponta, a cidade de Belterra. É uma área rural, cercada pela floresta Amazônica, e que ocupa 60% deste município, onde vivem cerca de 18 mil habitantes em casas com enormes quintais.

É nesse cenário que vive a ativista socioambiental Monica de Almeida. Ela e três irmãos cresceram na zona rural junto da mãe, a sindicalista Maria Irlanda de Almeida. Aos 12 anos, Monica já apresentava o programa do sindicato na rádio comunitária. Sempre envolvida com as notícias e a defesa das causas locais, foi uma das primeiras a participar das oficinas e atividades da ONG Saúde & Alegria, que desenvolve o projeto [Conexão Amazônica](#) apoiado pela Fundação Telefônica Vivo. Aprendeu como usar as ferramentas digitais e foi voluntária do Telecentro, instalado em um casarão restaurado que pertenceu à companhia Ford nos anos 1930, na época da exploração da borracha na região. “Esse processo de inclusão digital, iniciado em 2006, tornou possível eu ser protagonista do que acontece na minha região, e posso divulgar isso para muita gente. Fiz meu blog, incluído na **Rede Mocorongá**, e inspirei outros jovens a mostrar ao mundo como vivemos e em quais causas estamos engajados. Até então, não tinha decidido que ia seguir esse caminho”, diz Monica, que

foi coordenadora do Telecentro entre 2007 e 2010.

Repleta de entusiasmo e sabendo usar a força das palavras, a moça não falava inglês, mas foi representar a juventude da Amazônia em um intercâmbio na Suécia. “Eu tinha 19 anos e fui estudar a 60 quilômetros de Estocolmo, onde a paisagem é dominada por campos de trigo e, mesmo na primavera, os lagos ficam congelados. Bem diferente da minha floresta, onde normalmente faz 30 graus! A convivência com os jovens de lá e toda a experiência foram extraordinárias. Voltei valorizando mais as coisas daqui. Sim, lá é primeiro mundo, muito mais evoluído que nossa região, mas conhecer outra cultura me deu ainda mais gás para melhorar as coisas do meu lugar”, lembra. Atualmente, Monica faz faculdade de Letras e é Assessora de Comunicação da Prefeitura de Belterra.

Em 2009, exatamente no dia em que Monica fez 20 anos, foi instalada a torre de telefonia celular em Belterra. “Fui a primeira a ter celular e foi uma emoção! Eu não precisava ficar presa em uma sala para ter acesso à internet, podia fazer isso do meu quintal ou da beira do rio”, recorda. “Por tudo isso, eu levanto a bandeira da comunicação, tão importante na defesa de muitas causas – e nós aqui estamos sempre lutando por melhorias nas estradas, nas comunidades, pela distribuição de terras. Enquanto o resto do Brasil estava fazendo manifestações contra a corrupção e para melhorar o transporte público, nós estávamos acampando na sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), em Santarém, contra a instalação de cinco hidrelétricas no rio Tapajós, pois achamos que o processo é muito agressivo à região: famílias estão sendo removidas e lugares belíssimos serão inundados. Além disso, lutamos pela formação do estado do Tapajós. A comunicação digital amplia nossa voz para que todo o Brasil e o mundo saibam que estamos aqui, e muito acordados”, conclui Monica, que, por enquanto, não pensa em casar e ter filhos. “Aqui, as moças fazem família cedo, já aos 15 anos. Eu quero me formar e continuar sendo ativista das causas socioambientais. Tenho certeza de que dará tempo para fazer tudo o que quero”.



Rede Mocoronga

Os jovens líderes amazônicos alimentam com notícias, vídeos e programas de rádio a Rede Mocoronga, canal de informação criado pela [ONG Saúde & Alegria](#) apoiada pela Fundação Telefônica Vivo. São registros de tudo o que acontece nas comunidades ribeirinhas, publicados para a comunidade e para o mundo.



Adriano Souza de Jesus

Técnico em pesca e ativista ambiental, 26 anos, Santa Cruz Cabrália (BA). *Transformou* a oportunidade de participar de cursos sobre uso de tecnologia em antídoto contra a alienação social e política. Líder juvenil, tem orgulho de permanecer em sua comunidade.

A praia paradisíaca é o quintal da casa de Adriano Souza de Jesus. Ele mora em Guaiú, uma comunidade de pescadores com cerca de 800 habitantes, localizada a pouco mais de 15 quilômetros de Santa Cruz Cabrália, no litoral sul da Bahia. “Minha família chegou aqui quando havia apenas três casas. Meu avô e meu pai são pescadores, minha mãe é marisqueira e eu sou o único dos nove irmãos que não foi para a cidade grande. Desde moleque, mergulho e pesco em apneia [sem utilizar cilindros de ar]. Conheço cada palmo de todo esse mar e sempre que tenho um problema, vou lá pro fundo e volto com a solução. O mar é a minha vida e, para dizer a verdade, até uns três anos atrás eu era bem por fora do mundo”, conta o moço, que acabou sendo pego por um outro tipo de onda, a da conexão 3G, que lhe permitiu o acesso a informação por meio de celulares, tablets e outros equipamentos. A chegada da primeira antena de telefonia celular à comunidade transformou a vida de Adriano e lhe abriu novos horizontes.

Ele foi um dos primeiros a se inscrever no curso de tecnologia oferecido pelo projeto **Pescando com Redes 3G**, parceria entre a Fundação Telefônica Vivo, a empresa [Qualcomm](#) e a [Prefeitura do Município de Santa Cruz Cabrália](#). “A chegada da torre de celular foi um passo à frente e conectou a vila com o mundo. Também despertei para o que acontecia à minha volta. Comecei a ir às reuniões para discutir como preservar o nosso lugar.

Hoje as pessoas me respeitam e muitos jovens têm em mim um exemplo, porque eu defendo a pesca, que está no meu sangue, e também brigo pelo nosso território”, conta Adriano, despontando como um jovem líder. Sempre engajado em conquistar melhorias coletivas, atua contra ameaças ao meio ambiente – por exemplo, impedindo que donos de sítios e condomínios bloqueiem a passagem para a praia, que é um local público, ou conscientizando a população sobre os danos do assoreamento de uma faixa litorânea.

Adriano fez todos os cursos oferecidos pelo Pescando com Redes 3G e também foi instrutor do Telecentro montado pelo projeto, compartilhando seus conhecimentos com outros jovens. “Tenho ideias e sei me expressar bem. Isso facilita na hora de defender o nosso território. A quantidade de peixes está diminuindo a cada dia por causa das agressões ao meio ambiente. Temos que agir juntos para preservar a vida marinha e o nosso sustento”, diz. Adriano recentemente se formou no curso técnico em pesca e está fazendo estágio remunerado na área. Tudo sem sair de Guaiú.

A conexão com o universo digital também o ajudou a resgatar e valorizar a cultura dos pescadores da região, que passaram a usar tablets para consultar a tábua das marés e a previsão do tempo em várias regiões do país. “É muito simples de usar e permite calcular melhor as ações de pesca e a venda do pescado. Além disso, pode salvar vidas, pois é possível ligar mesmo em alto mar ou usar o GPS para localizar facilmente qualquer pescador, seja aquele que fica mais perto da costa ou aqueles que saem nas embarcações para passar semanas em mar aberto”, conta Adriano, cujo sonho agora é fazer faculdade na Universidade Federal do Sul da Bahia, no campus de Porto Seguro, que será inaugurado em 2014, a apenas 40 quilômetros de Guaiú. “Vou atrás do meu objetivo, mas sem deixar o lugar a que pertença”, conclui.



Pescando com Redes 3G

Empoderar a comunidade, principalmente os jovens, e permitir que gerem e implementem soluções para problemas locais com o uso de tecnologias e conexão móveis são os principais objetivos do Pescando com Redes 3G. O projeto promove o fortalecimento social, a gestão ambiental e o desenvolvimento econômico, mantendo as práticas tradicionais dos pescadores e também incluindo alternativas para geração de renda nas comunidades. Além disso, o Pescando com Redes 3G também incentiva o empreendedorismo com uso de tecnologia e a construção de projetos de vida com os jovens das comunidades pesqueiras de Cabralia.

Transformação é

"_uma ação que sai do *coração*, inspirando várias pessoas." , Patricia Souza Focchi, Fundação Telefônica Vivo

"_autorar localmente as narrativas que organizam nossas experiências individuais e modelam a *história coletiva*." , Luciano Meira, Professor de Psicologia da UFPE e pesquisador associado joy street

"_um processo progressivo. Ocorre em *ondas*. Recua quando as resistências aumentam, mas não volta ao ponto inicial. Apenas ganha força para ir mais longe." , Wanda Engel, Instituto Synergos

"_a atuação de *força* de módulo igual e sentido contrário ao estado de inércia que você se encontrava..." , Ebiliane Santos Lima, Fundação Telefônica Vivo

Voluntariado



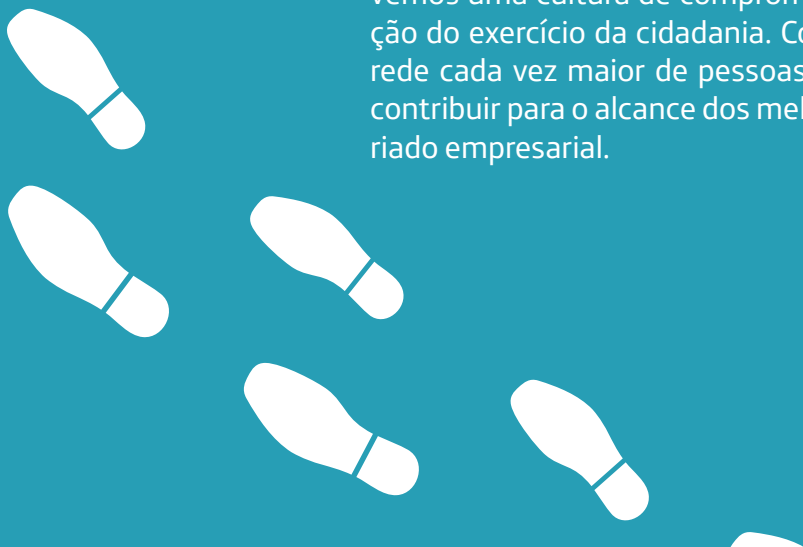
A história do Programa de Voluntariado Telefônica nasceu, oficialmente, em 2005. Esse foi o ano em que Fundação se juntou às áreas de Recursos Humanos e de Comunicação Interna e criou um conjunto de ações para dar forma concreta à participação dos colaboradores no compromisso social da empresa e responder às demandas de muitos que buscavam um apoio corporativo para contribuir com alguma causa.

Em 2011, o desafio cresceu, porque a Telefônica se juntou à Vivo e o programa, que abrangia o estado de São Paulo, expandiu-se para todo o Brasil. A nova configuração exigiu revisões na gestão, como um modelo descentralizado de governança com ampla valorização do protagonismo dos próprios voluntários e incorporação crescente de formas digitais de voluntariado.

Desafios

O voluntariado empresarial pode produzir diversos benefícios, como o desenvolvimento de competências entre os colaboradores, o sentimento fortalecido de pertencimento à empresa, a identificação de novas lideranças, além do impacto social das ações realizadas. Mas existem também desafios a enfrentar, como a gestão do tempo no contexto de uma dinâmica normalmente atribulada e o encontro do equilíbrio entre os compromissos profissionais, a dedicação ao voluntariado e a relação com as comunidades beneficiadas.

Ao mobilizar mais de 25 mil colaboradores do [Grupo Telefônica](#), promovemos uma cultura de compromisso social, incentivando a disseminação do exercício da cidadania. Confiamos que podemos construir uma rede cada vez maior de pessoas engajadas socialmente e capazes de contribuir para o alcance dos melhores resultados possíveis do voluntariado empresarial.





Nossos projetos atuais

O Grupo Telefônica incentiva o voluntariado por meio da organização de várias ações para os colaboradores se engajarem ao longo do ano. O modelo descentralizado de governança do programa envolve os colaboradores em todos os níveis de decisão.

As principais iniciativas em andamento, são:

Dia dos Voluntários

Uma vez por ano, milhares de colaboradores do Grupo Telefônica, em todos os países onde a empresa atua, trocam sua rotina de trabalho para dedicar-se a transformar o espaço físico de uma organização social ou ambiental em suas cidades.

Concurso de Projetos

Os colaboradores são convidados a apresentar projetos próprios para apoiar alguma iniciativa ou organização de seu bairro ou sua cidade.

Vacaciones Solidarias

Colaboradores do Grupo são convidados a trocar parte de suas férias por uma estada em uma organização beneficiada pelo Pró-Menino, o programa de combate ao trabalho infantil e defesa dos direitos das crianças e adolescentes em países da América Latina.

Campanha de Natal

Ações diversas realizadas localmente no período do Natal.

Voluntariado Digital

Este eixo nasceu da vocação da empresa e da necessidade de proporcionar opções a colaboradores que desejavam contribuir com organizações sociais, a partir de seu próprio local de trabalho ou de sua casa.

Nossos resultados mais recentes

O Programa de Voluntariado está presente nos 23 países em que a Telefônica atua. Em 2012, o Dia dos Voluntários contou com o trabalho de mais de **4 mil colaboradores** em 21 estados, beneficiando **31 organizações** em todo o país; o projeto Vacaciones Solidarias teve **67 colaboradores** inscritos. O voluntariado digital envolveu **60 voluntários**, que prestaram serviços para três organizações no Rio Grande do Sul e, em 2013, pretende expandir para cerca de **400**. A cada edição do Concurso de Projetos, **10 novas iniciativas** recebem ajuda financeira e capacitação para seus empreendedores.



Antônio Silva

Membro do Comitê de Voluntariado de São Paulo/ Telefônica Vivo, 47 anos, São Paulo (SP). *Transformou* o talento de contar histórias e o conhecimento na área de tecnologia em faces complementares do trabalho voluntário, praticado desde a juventude.

Engenheiro eletrônico, Antônio Alfredo Silva, o Toni, chegou à Telefônica Vivo em 2002. Discreto, ele não falava muito de sua vida pessoal, mas alguns colegas notavam que, às vezes, ele carregava um jaleco branco. Para que aquela roupa? “Para quem me perguntava, eu falava do meu trabalho na ONG Viva e Deixe Viver, contando histórias para crianças hospitalizadas, e que por isso usava o jaleco. Na época, eu era coordenador da equipe desses voluntários na Santa Casa de São Paulo, fato que eu não divulgava”, conta.

Na verdade, essa é uma longa trajetória que começou quando Toni tinha 13 anos e que continua sendo te-cida com muita dedicação. Ainda garoto, ele sempre se engajava nas campanhas de distribuição de alimentos e agasalhos organizadas no bairro do Mandaqui, zona norte de São Paulo, onde vive até hoje. Logo que se for-mou, começou a trabalhar e gastou seu primeiro 13º salário levando um grupo de 20 crianças para passar um dia de sonho em um parque de diversões. Ele também começou cedo a animar festas em abrigos e orfanatos na periferia da capital. “Eu adorava e também moldava bichinhos com bexigas. Um dia, havia mais crianças do que brinquedos e quase fui linchado pelos adultos da comunidade. Isso me assustou. Para continuar com esse tipo de ação sem correr perigo, ingressei no instituto beneficente Viva Vida que, no início dos anos 2000, acolhia crianças soropositivas. Ali, meu trabalho se aprofundou. Acompanhei várias delas nas internações no

hospital Emílio Ribas, onde conheci os contadores de histórias e ingressei nessa outra trupe”, relembra.

Mesmo lidando com o sofrimento e até mesmo com a perda dos pequenos pacientes, Toni aprendeu a não esmorecer. Domina a emoção (que é forte!) e não deixa que isso transpareça em sua rotina corporativa: “Essa é minha vida e ela me ensinou a desenvolver novos valores e a relativizar os problemas. Por isso, algumas pessoas vêm desabafar comigo. Percebo que a Engenharia me dá visão objetiva e senso prático. Por outro lado, costumo lidar com situações que não têm solução nem lógica. Então, a razão serve para elaborar o contexto que sustenta a emoção”, tenta explicar.

Em 2005, ele ficou surpreso com o convite para integrar o Comitê de Voluntariado. “Topei organizar o primeiro Dia dos Voluntários e foi o máximo. Percebi que poderia usar a minha experiência na formação de redes para ampliar a atuação voluntária, envolvendo muito mais gente e beneficiando muitas instituições”, lembra Toni.

Empolgado, propôs uma ação para estimular a doação de sangue e ganhou a coordenação de uma campanha pioneira na empresa que durou cinco anos. “Cada um que participa do voluntariado deixa de ser coadjuvante para ser protagonista da sociedade em que vive”, acredita, depois de oito anos de intensa atuação no Comitê de Voluntariado.

Em 2013, Toni foi o ganhador do **Concurso de Projetos**, com o plano de desenvolvimento de um sistema de controle da presença de voluntários voltado a instituições da área social.

Além do expediente normal, Toni não tem folga. Acumula as funções no Comitê, no hospital e em outras instituições. É solteiro, tem muitos amigos, vive confortavelmente, gosta de praticar esportes e de viajar de moto e, com o dinheiro que sobra, faz doações ou patrocina outras ações voluntárias. “O que vou levar comigo é o sentimento bom de ajudar as pessoas. Essa é minha razão de viver. No futuro, penso em ter minha instituição e deixar esse legado, para que surjam outros ‘Tonis’, multiplicadores desta corrente do bem. O amor transforma tudo e é isso que se leva desta vida, nada mais”, finaliza.



Concurso de Projetos

Uma iniciativa global liderada pela Fundação Telefônica, voltada a colaboradores do Grupo Telefônica que já atuam em ações de voluntariado e que possuem ideias ou projetos que proporcionem melhoria em instituições ou espaços públicos através do uso de tecnologia. Ao final do Concurso, foram selecionados 10 projetos que receberam um aporte em dinheiro e cursos de capacitação para gerir seu projeto social.



Raquel Mello

Membro do Comitê de Voluntariado de São Paulo/Telefônica Vivo, 43 anos, São Paulo (SP). *Transformou* espaços e pessoas, aliando sensibilidade e poder de organização. Competente articuladora, transformou realidades sociais, fortalecendo as comunidades onde atua.

A vida de Raquel Mello tem duas fases bem distintas: antes e depois do trabalho voluntário. Ela lembra até hoje da primeira ação: “Eu morava em Campinas e fui convidada por um padre conhecido da família a acompanhar a distribuição de presentes de Natal em uma comunidade carente. No dia, houve um tiroteio na porta da capela. Foi um caos, mas eu mantive a calma. Felizmente, não houve feridos. Assim, peguei o bichinho do voluntariado”, brinca ela, que trabalha na Telefônica Vivo há 20 anos, atualmente, na área de Planejamento e Controle da Rede de Telefonia Externa.

Quando surgiu o Programa de Voluntariado da Telefônica, Raquel já acumulava alguns anos de experiência em campanhas de doação de roupas e alimentos e, formada em Pedagogia, dava aulas para crianças de uma favela. Seu chefe na época sabia desse seu interesse e a indicou para o **Comitê de Voluntariado**: “Lá, descobri como é bom despertar nos outros o mesmo prazer que tenho em ajudar o próximo. As pessoas ficam mais calmas, mais abertas, mais amorosas. Isso é contagiante! Em Campinas, participei dos dois primeiros anos do Programa. Fui transferida para São Paulo, continuei no Comitê. Já são oito anos de muitas emoções e de aprofundamento no trabalho, que saiu do âmbito da caridade para ser um recurso de fortalecimento comunitário”, explica Raquel.

Em 2009, ela fez a capacitação em Responsabilidade Social, curso da Fundação Instituto de Administração

(FIA) apoiado pela Fundação Telefônica Vivo, que integra informações sobre serviço social, comunicação e educação. Ali, ela encontrou os fundamentos para continuar tecendo sua rede solidária de modo mais amplo e consistente.

Com a expressão serena, sorriso aberto e olhar magnético, ela avança sem medo das adversidades. Conta que uma das experiências mais marcantes aconteceu em 2012. Ela foi designada para tomar a frente da organização do Dia dos Voluntários na [ONG Nossa Turma](#). “Ali são atendidas 240 crianças e jovens da favela próxima ao Ceagesp, em São Paulo. Elas estão em situação de risco, expostas à violência, ao trabalho infantil e abuso sexual. Reunimos voluntários para pintar o prédio e, junto com os moradores, decidimos transformar um terreno baldio, comprovadamente frequentado por bandidos, em uma praça com parquinho. Era uma ação de risco, claro, mas dessa forma pacífica, impedimos que persistisse a violência ali”, diz.

Os brinquedos foram doados, vieram voluntários de todas as empresas do Grupo Telefônica. “E, sem que tivéssemos chamado, as crianças da vizinhança foram chegando aos poucos para ajudar. As mães tinham confiado na nossa ação e permitido que os filhos participassem dela. Isso já foi uma vitória” reconhece. “No meio do dia, passou um garoto e gritou: ‘Amanhã vai estar tudo destruído!’. De pronto, um dos meninos defendeu o espaço de todos: ‘Pra quebrar isso aqui, vai ter que passar por cima de mim!’. O outro foi embora e a comoção foi geral. Esse foi um marco transformador, pois as crianças brincam ali diariamente,” conta Raquel.

Para apurar seus conhecimentos, Raquel cursou a formação em Engenharia Comunitária, na Escola Politécnica da USP, organizada pela Cidade Escola Aprendiz, parceira da Fundação Telefônica Vivo. “Esse foi um divisor de águas. Aprendi sobre gestão pública, o que permite meu engajamento em conquistas relacionadas à sustentabilidade. Isso me inspirou a entrar na [Rede Nossa São Paulo](#), que monitora a aplicação das políticas públicas na cidade. É um modo de ser protagonista e de fazer mais”, finaliza Raquel, cheia de entusiasmo.



Comitê São Paulo

O Programa de Voluntariado Telefônica nasceu em 2005 e, em 2011, uniu-se ao da Vivo, expandindo sua atuação para todo o Brasil. O modelo de governança é descentralizado, com ampla valorização do protagonismo dos voluntários. Existem Comitês Locais que, com apoio técnico da Fundação, desenvolvem seus planos anuais de apoio a organizações com investimento sustentável não pontual. São atividades que acontecem durante o ano todo, além do Dia dos Voluntários.



Rivânio Santos

Membro do Comitê de Voluntariado de São Luís/ Telefônica Vivo, 34 anos, São Luís (MA). *Transformou* a tradição familiar de ajudar o próximo em base para ações voluntárias que beneficiam a cidade e os cidadãos.

Há três décadas, não havia escola na pequena vila de Presidente Médici, no interior maranhense. Nem por isso os meninos deixaram de estudar: “Os moradores que tinham filhos se uniram e construíram uma escola comunitária para todos terem acesso ao Ensino Fundamental. Cresci vendo a união fazer a força”, conta Rivânio Almeida Santos. “E, para completar, o lema dessa escola era ‘Estude para ajudar seu povo!’. Meu povo é o povo brasileiro, e sempre posso fazer algo para melhorar a vida das pessoas”. Ele mudou-se para São Luís há 20 anos, e é funcionário da Telefônica Vivo há 14.

Rivânio se apegou mesmo aos estudos. Kursou Ensino Médio em São Luís e depois duas faculdades: Turismo e Artes Plásticas. “Estou sempre envolvido em projetos culturais e de melhoria da cidade. Um dos mais importantes foi a revitalização da Fonte das Pedras, um dos nossos cartões-postais, realizada durante o **Dia dos Voluntários** de 2012, programa da Fundação Telefônica Vivo. Dei a ideia e tive a oportunidade de colocá-la em prática. Participei de toda a elaboração do projeto com parceiros e a prefeitura. Meu conhecimento como turismólogo contribuiu para que as intervenções mantivessem as características originais do lugar, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional”, explica. “Cerca de 80 voluntários trabalharam de sol a sol e, no final do dia, estava tudo limpo e bonito. Foi o nosso presente para celebrar o quarto centenário da cidade”, conta Rivânio.

Em 2013, novamente ele estava à frente da equipe de voluntários da empresa em outra ação: instalar uma biblioteca e restaurar o prédio onde funciona a creche comunitária Alegria de Viver, que atende 95 crianças do bairro de Coroadinho, um dos mais carentes de São Luís. Além disso, era preciso angariar recursos para terminar três salas de aula, ainda em construção. Para realizar essa missão complexa, Rivânio montou uma estratégia inteligente: cada funcionário da Telefônica Vivo indicaria parceiros em potencial. Depois, as equipes pediriam as doações dentro do escopo de cada doador. “Por exemplo, o mercadinho doou refrigerantes e alimentos. A loja de material de construção doou telhas. Assim conseguimos articular uma rede de 51 parceiros”, comemora.

No Dia dos Voluntários, funcionários da empresa compareceram com muita disposição. Foram quase 12 horas de trabalho, com direito a momentos de tensão e de muita ternura: “O prédio era grande e, ao meio-dia, parecia impossível concluir a pintura interna e externa. Eu fui incentivando e todos mantiveram o pique. Às cinco e meia da tarde, estava tudo pronto. A biblioteca ficou linda, com os três computadores doados já instalados e, além dos 200 livros, disponibiliza dezenas de brinquedos. As salas de aula foram coloridas em tons alegres e os muros grafitados por um artista que também doou seu trabalho. No final do dia, as crianças vieram e se encantaram com os novos espaços feitos para elas! Ver tantos olhinhos brilhando foi o nosso prêmio”, diz Rivânio, comovido. Detalhe: a biblioteca com acesso à internet será aberta a toda a comunidade.

“Agora, já arrecadamos todo o material e estamos contratando a mão de obra especializada para terminar as últimas três salas de aula, pois essa tarefa nem Hércules concluiria em um único dia!”, conta, certo de que multiplicou as sementes do voluntariado. “O efeito dessa experiência de cooperação não dura apenas um dia, dura a vida toda. Foi assim comigo e será assim com todos que participaram do evento”, acredita Rivânio.



Dia dos Voluntários

O Dia dos Voluntários é a principal ação do Programa de Voluntariado do Grupo Telefônica e acontece anualmente na primeira semana de outubro, quando os colaboradores aderem a diversas causas junto a idosos, crianças e animais, e utilizam suas horas de trabalho para participar de mobilizações em instituições de interesse público, executando atividades como construção, reformas, recreação, entre outras. A iniciativa mobiliza anualmente mais de 4.000 colaboradores do Grupo Telefônica por todo o país. Na capital maranhense, a ação existe desde 2011.



Paulo Henrique Gonçalves

Diretor de Tecnologia da Informação da Telefônica Vivo, 45 anos, São Paulo (SP). *Transformou* o voluntariado em estratégia para fortalecer as relações de trabalho. O *team building* social fez bem para ele, para sua equipe e para dezenas de pessoas da comunidade.

À primeira vista, parece grande a distância entre os funcionários da Telefônica Vivo – que trabalham com tecnologia em um moderno edifício envidraçado em um dos centros empresariais da capital – e as moradias de emergência construídas pela [ONG TETO](#), na periferia de São Paulo. Porém, uma ideia inovadora e o entusiasmo do diretor Paulo Henrique de Souza Gonçalves, o P.H., aproximaram esses universos tão distintos. Além de contribuir para que mais famílias tivessem casas dignas, foi uma oportunidade de tornar sua equipe mais alinhada. Geralmente, a afinação é feita nos chamados *team buildings*, em que os funcionários deixam a rotina para enfrentar desafios simulados, como praticar escalada ou outra atividade em grupo.

A participação de sua equipe no projeto TETO foi idealizada como um **team building social** que, além dos ganhos corporativos, ainda estimula a atividade voluntária. “O plano surgiu de uma conversa entre a vice-presidência, a equipe de Recursos Humanos e a Fundação Telefônica Vivo. Eu já conhecia essa ONG. Dois anos antes, tinha participado da construção de uma casa. Mesmo sem habilidades manuais, e até sendo meio desastrado, consegui fazer aquilo! Fiquei apaixonado pelo projeto. E não perdi a chance de repetir a experiência, desta vez com minha equipe de trabalho”, conta. Na empresa, P.H. lidera mais de cem pessoas – homens e mulheres, com idades entre 25 e 35 anos –, que atuam no relacionamento com os clientes internos

da empresa e na elaboração de soluções tecnológicas.

Cerca de 80 funcionários aderiram ao projeto na aldeia Tekoa Pyau – onde vivem 125 famílias da comunidade indígena Guarani Mbya –, perto do pico do Jaraguá, na capital paulista. E mão na massa: “As casas são modulares, de madeira, e devem ser montadas desde a estrutura até o teto. O trabalho é pesado e exige muita cooperação do time de dez pessoas. Enquanto um segura a viga, o outro bate o prego. Apostamos que seríamos capazes de montar quatro casas em um fim de semana. Mas, unidos, erguemos nove!”, lembra P.H..

A partir daquele fim de semana, todos passaram a ter orgulho de fazer parte de um time que construiu junto algo para melhorar a vida daquelas famílias por anos. A equipe saiu revigorada dessa experiência, que rendeu muito assunto, aproximação entre colegas, união diante dos desafios conjuntos e mais prazer na convivência diária. “A transformação foi rápida e os efeitos continuam ecoando. Um dos funcionários comentou, por exemplo, que não imaginava que eu fosse brincalhão. Percebi que a maioria deles não me conhecia e eram raras as conversas informais. Motivado pelo clima daquela construção cooperativa, resolvi deixar minha sala e passei a trabalhar nas baias, junto deles. Cada dia estou em um lugar diferente, interagindo com todos. Assim ficou mais fácil liderar”, acredita.

A iniciativa ainda gerou outros desdobramentos. “Era inverno. Estávamos bem agasalhados, enquanto muitas crianças da comunidade não tinham roupas adequadas. Logo, um grupo se organizou para arrecadar roupas e levar para lá, e outros continuam em contato com a aldeia”, diz P.H. “Estar diante de tantos problemas sérios fez com que as pessoas trocassem as reclamações por soluções.”, constata P.H. e finaliza: “O *team building* social criou uma conexão que trouxe alegria, leveza, orgulho, autoconfiança e também confiança na direção. Isso melhora o trabalho e a qualidade de vida”.



Team Building Social

Iniciativa realizada pela Fundação Telefônica Vivo, em parceria com a Diretoria de Recursos Humanos e Diretoria de Tecnologia da Informação (TI). Colaboradores foram convidados a fazer uma atividade voluntária durante 2 dias, atuando na construção de casas com a ONG TETO. O objetivo era trazer os tradicionais benefícios do Team Building, como integração do grupo, confiança, planejamento, comprometimento e espírito de colaboração, para a realização de uma atividade social, trazendo benefícios para a equipe e para a sociedade.



Poliana Lauermann

Embaixadora do Programa de Voluntariado do Rio Grande do Sul/Terra, 36 anos, Porto Alegre (RS). *Transformou* as habilidades adquiridas na área financeira em qualidades para se destacar como Embaixadora, envolvendo centenas de pessoas em ações sociais.

Agitada, eficiente, organizada. Com voz firme e fala acelerada, Poliana orchestra sua rotina diária, na qual cabem muitos compromissos de naturezas bem diferentes. Desde 1999, trabalha no Terra, uma das empresas do Grupo Telefônica. Em 2005, tornou-se responsável pelo faturamento do Portal e da área de Publicidade. Além de planilhas e mais planilhas, ela realiza atividades diárias do seu outro cargo, o de Embaixadora do Programa de Voluntariado. Isso significa cuidar da articulação dos Comitês de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. “Minha prática na área administrativa e financeira, apresentando projetos e cumprindo prazos, também me ajuda a fazer a parte objetiva do trabalho voluntário, que ganhou mais importância depois de 2010, com o Programa de Voluntariado Telefônica. Assumi a liderança do Comitê de Voluntariado com mais duas pessoas, e, em 2012, fui surpreendida pelo convite para ser Embaixadora. Juntamente com os líderes, tomo as decisões para a organização do Dia dos Voluntários, com cerca de 200 participantes. Também somos responsáveis pela aplicação dos recursos destinados às ONGs parceiras”, conta Poliana, descendente de alemães e filha de pai administrador. Ela sabe, porém, que o mais importante nessa função é aguçar a sensibilidade: “Procuro ouvir com muito cuidado todos os pontos de vista. É assim que percebo o que cada situação ou cada parceiro precisa de fato”, diz.

Logo de início, Poliana passou por uma prova de fogo. Em 2010, o Comitê teve apenas três meses para planejar e realizar as ações que finalizaram a construção da creche Mãezinha do Céu, em Asa Branca, bairro carente de Porto Alegre. “No dia choveu muito. Não conseguimos vedar o telhado e improvisamos com ventiladores a secagem da pintura do refeitório e do berçário. Éramos dez voluntários. No final, nos abraçamos e nos entregamos a um gostoso choro coletivo. Foi inesquecível”, lembra.

Outra ação marcante aconteceu em janeiro de 2013, logo após o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, onde 242 jovens perderam a vida e mais de cem ficaram feridos. “Todos estávamos muito chocados e a situação era confusa. Mesmo sem ter clareza do que era preciso, alinhados com a Fundação Telefônica Vivo, resolvemos fazer uma ação para incentivar os funcionários do grupo a doarem sangue e a adesão foi imediata” diz.

Além disso, Poliana é uma das pioneiras e entusiastas do Voluntariado Digital, que permite o engajamento de gente de todo o país em ações da empresa ou de ONGs sem horários fixos ou deslocamentos. “No ano passado, realizamos o piloto dessa modalidade na Fundação e passamos a oferecer algumas atividades a distância para os nossos voluntários, que estão em nove cidades brasileiras. Basta se inscrever em um site, escolher uma tarefa e participar. Assim, a falta de tempo ou a distância deixam de ser um impedimento e mais pessoas podem se engajar. Por outro lado, as ONGs facilmente podem solicitar o que precisam, desde especialistas em captação de recursos até sugestões de recreação”, explica.

Embora o pragmatismo seja um traço forte de sua personalidade, articular toda essa rede de ações solidárias provocou mudanças em sua vida: “Minha mente ficou mais aberta para as causas sociais. Me tornei mais flexível, passei a valorizar mais as relações” diz a moça, que começa a trabalhar todos os dias bem cedo e ainda cuida da casa, do marido e, para manter o fôlego, pratica corrida. “Quero continuar fazendo tudo isso ao mesmo tempo, porque aprendo muito e recebo muito mais do que doo,” completa Poliana.



Voluntariado Digital

O Voluntariado Digital é mais uma alternativa para que os colaboradores do Grupo Telefônica possam realizar uma atividade voluntária, colocando seus conhecimentos em prática a serviço de causas e organizações a qualquer hora e em qualquer lugar. Foram selecionadas ONGs pelo Brasil com atividades que podem ser realizadas a distância, tais como: criação de blog, tradução de textos, geração de conteúdo para sites e redes sociais, entre outras.



Fernanda Bail

Embaixadora do Comitê de Voluntariado da Telefônica Vivo, 31 anos, Curitiba (PR). *Transformou* o gosto por ações sociais, cultivado na infância, em um instrumento para tornar a vida ainda mais consistente e prazerosa.

O dia de Fernanda Magali Bail parece ter bem mais do que 24 horas. Ela é analista administrativa da Telefônica Vivo em Curitiba, e não mede esforços quando a demanda é promover ações de voluntariado, sejam elas pequenas ou grandes, com ou sem recursos. O importante é ajudar. Fernanda é Embaixadora do Comitê de Voluntariado do Paraná e Santa Catarina, o que significa organizar equipes nos mínimos detalhes e fazer a ponte entre todos os Comitês dos dois estados e a Fundação Telefônica Vivo, em conexão direta com aproximadamente 150 pessoas.

Esse intenso trabalho existe porque a equipe paranaense insistiu em fazer parte do Programa de Voluntariado: “Às vésperas do Dia dos Voluntários de 2011, percebemos que Curitiba não tinha sido incluída entre as localidades participantes. Então nos juntamos e assumimos fazer parte do processo, pois já realizávamos ações pontuais, como campanhas do agasalho. Insistimos e, no Dia dos Voluntários, fizemos a revitalização do [Lar Dona Vera](#), que acolhe crianças retiradas da guarda dos pais pelo Conselho Tutelar devido a denúncias de maus tratos. Sem a estrutura que temos hoje, conseguimos reunir 30 voluntários, envolvemos muita gente, pisamos com o pé direito e fizemos o milagre! Recebemos uma doação da Fundação e arrecadamos mais 5 mil reais. Conseguimos comprar muitas coisas para melhorar a infraestrutura do Lar Dona Vera e ainda sobrou

dinheiro. Certamente a ação foi transformadora”, conta Fernanda, funcionária da Telefônica desde 2008.

Ela é veterana nas ações solidárias. Quando menina acompanhava a mãe, Catarina, na catequese em comunidades carentes. Depois veio a adolescência, a faculdade e a atividade social ficou em segundo plano. Foi na empresa que Fernanda retomou esse caminho: “Aqui integrei definitivamente o voluntariado na minha vida, ficou mais fácil de conciliar as tarefas e manter a organização, que é a chave para tudo dar certo. E também me ajuda na carreira, pois sou muito conhecida e respeitada pelo que faço”, afirma. “Encaro com o mesmo entusiasmo planilhas, formulários e notas, pois são importantes para formalizar o trabalho”, explica. Este é seu segredo para manter o pique e fazer caber na agenda turbinada todos os compromissos.

Fernanda articula pessoas e toma decisões para realizar ações que vão desde a restauração de sedes das ONGs parceiras da Fundação até a promoção de palestras com o objetivo de conscientizar a comunidade sobre violência doméstica, alimentação, saúde bucal, amamentação, saúde da mulher. Limpar praias, arrecadar dinheiro para ajudar asilos, comprar leite em pó para creches ou prendas para a festa junina, levar recreação a crianças hospitalizadas são algumas das atividades que o Comitê de Voluntariado organiza ao longo do ano. “Não paramos um só dia! Tudo que fazemos é com amor; sem esse ingrediente, nada acontece”, ressalta a Embaixadora.

Recém-casada, ela sempre convoca o marido, o engenheiro Márcio, para acompanhá-la nas atividades voluntárias. “Ele me ajuda nas compras, me dá caronas, carrega materiais. E, principalmente, entende o quanto isso é importante para a minha vida”, nos conta. “É engraçada essa inversão, eu ajudo, mas o ganho é meu. Mais disposição, mais alegria, mais humor, mais prazer de atuar em várias frentes. Me sinto privilegiada por ser Embaixadora do Comitê de Voluntariado, ainda mais em uma empresa que nos prepara para isso e difunde o trabalho social como uma importante ferramenta de conexão, colaboração e respeito”, finaliza.



Embaixadores do Comitê de Voluntariado

O modelo de governança do Programa de Voluntariado é descentralizado, com ampla valorização do protagonismo dos próprios voluntários. Os Embaixadores são funcionários do Grupo Telefônica e, com apoio técnico da Fundação, dão todo o suporte para os Comitês Regionais executarem e monitorarem os planos anuais de apoio a organizações.



Gidelma dos Santos Moraes

Membro do Comitê de Voluntariado de São Paulo/Telefônica Vivo, 40 anos, São Paulo (SP). *Transformou* o trabalho voluntário em antídoto contra a tristeza. A participação intensa em atividades, no Brasil e no exterior fez com que ela resgatasse a autoestima.

Delma é conhecida pela alegria, bom humor e disponibilidade para atividades voluntárias de todos os tipos. Ela entrou na Telefônica Vivo como funcionária terceirizada há 22 anos. Em 2000, foi contratada e, atualmente, é analista na área de Fraude e Risco da Segurança da Informação, cuidando do funcionamento de 508 mil terminais. Porém, o maior desafio que Delma precisou superar não foi profissional: ela enfrentou a dor da separação. “Depois de dez anos casada, com duas filhas pequenas, me divorciei. De um dia para o outro, me vi sozinha, magoada, deprimida. As amigas da empresa percebiam, me incentivaram a participar do Programa de Voluntariado. Mesmo desanimada eu fui e, enquanto brincava com as crianças de uma ONG, senti a tristeza aliviar. Ali, comecei minha nova vida”, lembra.

Logo surgiu a oportunidade de fazer outra atividade voluntária. Em seguida, a Fundação Telefônica Vivo convocou os funcionários para arrecadar alimentos e roupas para as vítimas das enchentes em Santa Catarina. “Enquanto eu ia arrumando os kits para ajudar aquelas pessoas, ia me reorganizando por dentro. Percebi que, ajudando o próximo, quem saía fortalecida era eu”, conta ela.

Delma experimentou atuar em várias funções solidárias com muita competência. Foi assim no projeto Pintando na Praça, que revitalizou uma área do bairro da Barra Funda, na capital paulista. “Lá, a tarefa era

ensinar a pintar paredes. Descobri que as pessoas envolvidas no voluntariado têm coração caloroso, e muitas amizades sólidas começaram nesse fazer junto”, diz.

Em 2009, Delma foi promovida, conseguiu quitar dívidas, mudou de casa e tirou férias. Mas, com medo de sentir solidão (as filhas passariam metade do mês de julho com o pai), ela resolveu se inscrever no programa **Vacaciones Solidarias**, que aconteceu em Diadema naquele ano: “Eu era a única brasileira que não falava nem inglês nem espanhol, e no grupo havia gente da Alemanha, Escócia, Espanha e Inglaterra. Foram 15 dias de envolvimento total e saí renovada dessas férias tão diferentes. A ação mais marcante foi plantar 5 mil árvores junto com outros voluntários e a comunidade local. Nesse dia, minhas filhas foram comigo, nos divertimos muito e ficamos ainda mais unidas”, lembra Delma, que sempre conta com a parceria de Eduarda, de 14 anos, e Victória, de 11.

No ano seguinte, Delma se inscreveu de novo no Vacaciones Solidarias e, desta vez, foi para a Colômbia: “Nunca tinha viajado de avião, mas embarquei para passar 21 dias trabalhando na reforma de uma escola pública em Santa Marta, uma cidade litorânea da Costa do Caribe. Nosso grupo, formado por sete voluntários do Grupo Telefônica na Alemanha, República Tcheca, Colômbia e Espanha, ficou muito unido. Desde a compra do material até o assentamento de azulejos, fizemos tudo. Também conhecemos a realidade de várias comunidades, pois a Fundação Telefônica Vivo tem grande atuação voltada ao combate do trabalho infantil. Sem dúvida, foi a melhor experiência da minha vida”, compartilha.

Ela voltou com mais energia e, em 2011, foi líder de atividade no Dia dos Voluntários, evento realizado pela Fundação Telefônica Vivo que envolve funcionários de toda a empresa no Brasil e nos 16 países onde o grupo atua. Em 2012, Delma foi convidada a fazer parte do Comitê de Voluntariado de São Paulo. “Assim, assumi mais responsabilidades, mas isso não pesa. Ao contrário, gera mais energia. No futuro, pretendo praticar o voluntariado em vários países”, sonha Delma, com os olhos brilhando e um sorriso confiante.



Vacaciones Solidarias

Existente desde 2005, o Vacaciones Solidarias convida colaboradores do Grupo Telefônica a doarem parte de suas férias atuando com voluntário em uma organização beneficiada pelo Promenininho, programa da Fundação de combate ao trabalho infantil e defesa dos direitos das crianças e adolescentes em países da América Latina.



Zilda da Silva

Membro do Comitê de Voluntariado de São Paulo/TGestiona, 61 anos, São Paulo (SP). *Transformou* um drama familiar em motivação para ajudar mais e mais pessoas com sua versatilidade e capacidade de articular redes.

Há 20 anos, em busca de ajuda para um irmão alcoólatra, Zilda Casagrande da Silva ingressou na doutrina espírita e começou a fazer trabalho voluntário na União Espírita Francisco de Assis (UEFA), na Freguesia do Ó, zona norte da capital paulista, atuando na recuperação de dependentes químicos e no suporte a gestantes carentes. “Até hoje estou lá. No primeiro momento, é preciso dar o peixe e atender as pessoas nas suas necessidades emergenciais. E, em seguida, é preciso ensinar a pescar, promover a autonomia e o resgate da autoestima”, sintetiza.

Esse trabalho é potencializado pelo fato de Zilda ser integrante do Grupo Telefônica. “Entre em 1969, aos 16 anos, como datilógrafa e saí como secretária da presidência em 2000, quando me aposentei. Fiquei dois anos fora e voltei para a TGestiona, o braço administrativo da Telefônica. Em 2005, fui chamada para a implantação do Programa de Voluntariado e passei a integrar o Comitê de Voluntariado. A entidade da qual participo conquistou duas vezes o prêmio do Concurso de Projetos da Fundação Telefônica Vivo, que foi usado para reformar e informatizar sua sede”.

Zilda cursou faculdade de Letras, e o voluntariado a levou a fazer a especialização em Engenharia Comunitária. “Nunca parei de estudar, estou sempre me atualizando”, conta. Na rotina da empresa, onde trabalham 1.800

peças, ela não perde nenhuma oportunidade de cativar cada funcionário a participar do Dia dos Voluntários, e não se acanha diante de desafios. “Um dos maiores foi conciliar o trabalho no Programa de Voluntariado com o projeto **Nossa Barra Funda**, ideia do diretor-geral Clóvis Travassos para revitalizar o entorno da empresa, que era bem degradado. Não foi fácil conseguir a adesão dos funcionários, mas formamos um grupo interno e, depois, moradores, outras empresas, escolas e órgãos públicos se juntaram a nós nessa ação sustentável e comunitária”, relata Zilda.

Durante um fim de semana os funcionários limpavam, pintavam paredes, plantaram árvores e orientaram as pessoas que ali viviam a procurarem formas de melhorar sua comunidade. Essa ação serviu como embrião e foi incorporada a um projeto mais amplo: a Plataforma Centros Urbanos, apoiada pelo Unicef e voltada para crianças e adolescentes do bairro, na área central da cidade. “Foi um trabalho de articulação de redes que envolveu empresa, comunidade, agentes de saúde e escolas”, conta Zilda. Em 2013, sua missão foi participar da coordenação de 300 colaboradores, que atuaram como voluntários na ONG Naceme, que atende 220 pessoas com deficiência, reabilitando-as e integrando-as ao meio social. Esta foi uma das seis ONGs atendidas em São Paulo no Dia dos Voluntários, promovido pela Fundação Telefônica Vivo.

E qual é a graça de se envolver nessas ações? “Isso me alimenta”, confessa. E não cansa? “Cansa, mas amo esse trabalho que nunca acaba, há sempre o que fazer. Claro que já tive momentos de desânimo, mas no dia em que realmente pensei em parar com o trabalho voluntário, um fato trágico me fez mudar de ideia. Era dia 12 de janeiro de 2010, e dona Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, morreu no terremoto no Haiti. Ela reuniu milhares de voluntários em todo o país e atuou por mais de meio século, com a mesma força. Para mim, foi um sinal de que eu tinha que continuar minha missão, sem esmorecer”, afirma Zilda, que é casada há 40 anos e se orgulha de ter em seu time o marido, os dois filhos e a mãe, de 81 anos de idade. “Eles estão sempre prontos a me apoiar em tudo que faço”, comemora.



Nossa Barra Funda

Projeto vinculado ao Programa de Voluntariado Telefônica, foi uma iniciativa da T Gestiona, com foco em ações sustentáveis realizadas no bairro da Barra Funda. Foram feitas parcerias com várias entidades, como o [Cidade Escola Aprendiz](#), o que permitiu auxiliar os moradores de rua da região a encontrar melhores condições de vida.

Transformação é _

"aquela que arrebata, que obriga a rever cada detalhe com um novo olhar. É aquela que não tem volta. Ela dá novo *sentido* ao modo como estamos no mundo."

"é mudar de *vida*." , Ugo, 11 anos participante de projetos ChildFund Brasil

"ser uma pessoa mais *legal*." , Matheus - 6 anos, criança atendida pela ONG Lar de Nice

"é dom de *borboletas* e humanos. É ato de inventar novos fluxos para a vida que quer tão simplesmente prosseguir."

Liliane Oraggio, autora do *Histórias de Transformação*.

E para você? _

Agradecimentos

A Fundação Telefônica Vivo agradece a todos os envolvidos nos projetos que fizeram essas 32 histórias de transformação tão significativas. Aos funcionários, parceiros, colaboradores e outros envolvidos, nosso muito obrigada!



A Fundação Telefônica Vivo atua há 14 anos no Brasil, com suas iniciativas sendo realizadas em todas as regiões do país, em diversas frentes. Acreditamos no poder inovador do uso social das tecnologias, potencializado pela articulação com diversos atores. Buscamos transformar realidades de forma sustentável, e com esta atuação transformamos vidas e aprendemos a cada dia. Percebemos que era hora de fazer com que estas histórias inspirassem e motivassem outros também. E, neste contexto, nasceu a publicação *Histórias de Transformação*, na qual selecionamos 32 casos que representam um pouco do universo da atuação da Fundação ao longo desses anos. São pessoas que deram o primeiro passo e tiveram a vontade de transformar a realidade. Esperamos que essas histórias sejam tão inspiradoras para você quanto tem sido para a equipe da Fundação Telefônica Vivo.

Conheça outras publicações da Fundação.
Acesse o site e baixe gratuitamente:
www.fundacaotelefonica.org.br